



## **15 DE JULHO DE 2015**

### **Quarta-feira**

- **GERDAU DESABA NA BOLSA APÓS ANUNCIAR REESTRUTURAÇÃO**
- **ARCELORMITTAL VÊ EXCEDENTE DE CAPACIDADE EM LONGOS NO BRASIL**
- **USIMINAS PEDE MEDIDAS CONTRA AVALANCHE DE ENTRADA DE AÇO CHINÊS**
- **APÓS DISPARADA "EXAGERADA", VALE E SIDERÚRGICAS AFUNDAM; ELETROBRAS SOBE 3%**
- **VALE CORTARÁ A OFERTA EM 25 MILHÕES DE TONELADAS**
- **TRABALHADORES ACAMPAM EM FRENTE À GM**
- **VOLKSWAGEN SILENCIA E CEGONHEIROS MANTÊM PARALISAÇÃO NA FÁBRICA**
- **APESAR DA CRISE, THYSSENKRUPP MANTÉM PLANO DE INVESTIMENTOS**
- **CADE APROVA OPERAÇÃO DA THYSSEN PARA AMPLIAR PRESENÇA NA CHINA**
- **VENDA DE ATIVOS DA CSN PODE OCORRER AINDA NESTE ANO, DIZ STEINBRUCH**
- **WORLDSTEEL: CONSUMO DE AÇO NO MUNDO DEVE SUBIR 40% ATÉ 2040**
- **SETOR SIDERÚRGICO VIVE UMA DE SUAS PIORES CRISES, DIZ IABR**
- **INDÚSTRIA SIDERÚRGICA DEMITIU 11.188 FUNCIONÁRIOS EM 12 MESES, DIZ IABR**
- **IABR REVISA PARA BAIXO PROJEÇÃO DE PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO PARA 2015**
- **VALE MANTÉM META PARA OFERTA DE MINÉRIO DE FERRO EM 2015**
- **PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO CAMINHA PARA ESTABILIDADE, AFIRMA RIO TINTO**
- **VALE EFETIVA REDUÇÃO NA OFERTA DE MINÉRIO**
- **MINAS-RIO USA CIRCUITO DE MOAGEM INÉDITO**
- **NESTE ANO, 42% DAS INDÚSTRIAS REDUZIRAM USO DA MÃO DE OBRA, NOTA CNI**

- ARMANDO MONTEIRO DESCARTA NOVO PACOTE DE INCENTIVOS À INDÚSTRIA
- DESENVOLVIMENTO E PESQUISA ESTÃO ABAIXO DA MÉDIA MUNDIAL
- CAPTAÇÕES ATINGEM APENAS R\$ 100 MILHÕES
- INOX VAI DO STENT AO CANO DO ESCAPAMENTO
- OFERTA EM EXCESSO E DEMANDA EM QUEDA
- PROJETO DA MIBA NO NORTE DE MINAS SEGUE PARADO NO DNPM
- BRASIL ANALISA DEMANDA DE MINÉRIO DE FERRO DA CHINA DIANTE DE PREVISÃO PARA EXPORTAÇÕES
- VOLATILIDADE DO MINÉRIO DE FERRO AUMENTA PARA RECORDE COM AÇÕES CHINESAS EM ROTACÃO
- MINERADORA QUE CORTAR CUSTO VAI SOBREVIVER, INDICA PWC
- QUEDA DE PREÇOS DO MINÉRIO DE FERRO DESANIMA PRODUÇÃO
- CNI PREVÊ PIB DE 2015 COM QUEDA DE -1,6%
- GERDAU ANUNCIA REESTRUTURAÇÃO DE NEGÓCIOS NAS AMÉRICAS
- ROSSETTO NEGA DESINTERESSE DE MONTADORAS EM ADERIR AO PPE
- KSB BRASIL INICIA PRODUÇÃO DA BOMBA LSA NO PAÍS
- EMPRESAS PODERÃO ADERIR AO PROGRAMA DE PROTEÇÃO AO EMPREGO A PARTIR DO DIA 22
- INDÚSTRIA JÁ PAGA MENOS PELA ENERGIA
- MANOEL DIAS INSTALA COMITÊ DO PROGRAMA PROTEÇÃO AO EMPREGO
- PLANO PARA EMPREGO VALE PARA TODOS OS SETORES, DIZ MINISTRO DO TRABALHO

<b>CÂMBIO EM 15/07/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,153	3,153
<b>Euro</b>	3,456	3,457

Fonte: BACEN

## Gerdau desaba na Bolsa após anunciar reestruturação

15/07/2015 - Fonte: Exame



As ações preferenciais da Gerdau lideram as perdas do Ibovespa na manhã desta terça-feira. Os papéis registravam perdas de 5,12%. As ações da Metalurgia Gerdau também caíam forte, queda de 4,69%.

Em comunicado enviado ao mercado, a companhia anunciou uma reestruturação dos negócios nas Américas. Haverá uma redistribuição das operações em três divisões para América do Norte, América do Sul e Brasil.

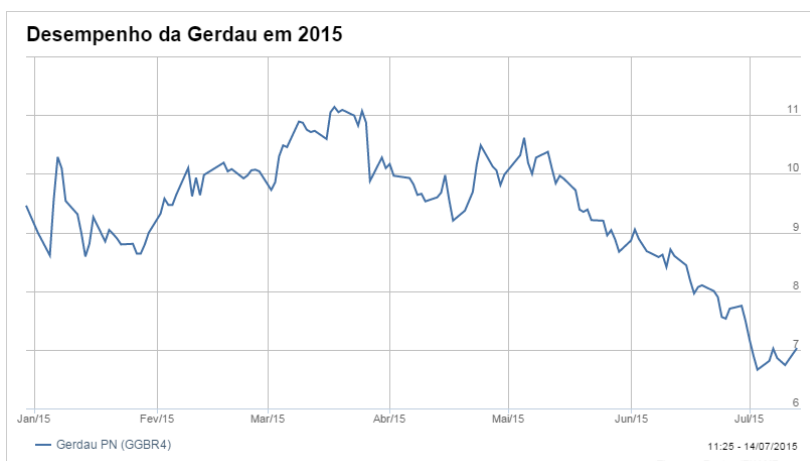
Denominado de Projeto Gerdau 2022, a medida visa "obter maiores sinergias estratégicas e operacionais."

A empresa explicou que as operações no México e as Joint Ventures na República Dominicana, na Guatemala e no México passam a integrar a Operação de Negócio América do Norte, atualmente composta pelas operações de aços longos no Canadá e nos Estados Unidos.

Também foi criada a Operação de Negócio América do Sul, que será integrada pelas operações de aços longos na Argentina, no Chile, na Colômbia, no Peru, na Venezuela e no Uruguai.

Já a operação de Minério de Ferro passa a integrar a Operação de Negócio Brasil, atualmente composta pelas operações de aços longos e planos no Brasil e de carvão e coque metalúrgico na Colômbia.

No ano, as ações da Gerdau acumulam perdas de quase 30%.



## **ArcelorMittal vê excedente de capacidade em longos no Brasil**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

A ArcelorMittal está vendo uma sobra de cerca de 1 milhão de toneladas em sua capacidade de produção de aços longos no Brasil e vai fechar no próximo mês um laminador em Piracicaba (SP), enquanto avalia a necessidade de paralisação de mais um equipamento nos próximos meses, disse nesta terça-feira o vice-presidente da companhia Jefferson de Paula.

O executivo afirmou que a usina de laminação de Piracicaba tem dois laminadores com capacidade para 500 mil toneladas cada e que um deles será desligado no próximo mês, com a unidade provavelmente adotando regime de suspensão de contratos de trabalho dos funcionários afetados, em sistema conhecido como "lay off".

Além disso, a companhia está identificando mais 300 mil toneladas em capacidade que precisa ser redirecionada para exportações senão a empresa vai ter de parar mais um laminador.

Mais cedo, o executivo, que também é presidente da divisão de aços longos da ArcelorMittal nas Américas do Sul e Central, havia comentado durante Congresso Brasileiro do Aço que a companhia "provavelmente" iria parar um laminador recentemente instalado na usina mineira de João Monlevade.

Porém, De Paula afirmou pouco depois a jornalistas que a companhia pode levar para Monlevade a produção atualmente realizada em outras unidades uma vez que o equipamento que consumiu investimentos de 270 milhões de dólares para ser instalado oferece uma relação de custo mais competitiva que outras máquinas mais antigas da companhia no país.

"Estamos em fase de início de produção do laminador de Monlevade e vamos ficar mais um mês e meio testando. Temos outras alternativas para não parar o laminador, como levar produção de uma usina para outra", disse o executivo.

"Estamos parando um laminador em Piracicaba", acrescentou.

A ArcelorMittal tem dez laminadores de aços longos no Brasil, numa capacidade atual de 3,6 milhões de toneladas por ano.

De Paula afirmou que se a desvalorização do real for maior nos próximos meses, e o câmbio ficar mais perto do patamar de 3,40 a 3,50 reais por dólar, a companhia será mais competitiva e poderá ampliar exportações, minimizando o quadro de excesso de capacidade produtiva.

O plano da ArcelorMittal é elevar a participação das exportações de aços longos de 15 por cento até o final deste ano para cerca de 20 por cento em 2016.

O executivo comentou durante sua apresentação no congresso que a indústria de aços longos no Brasil tem atualmente uma capacidade excedente de 6 milhões de toneladas que vai chegar a 6,6 milhões em 2016 diante da perspectiva de crescimento zero da economia e entrada em operação de novas capacidades projetadas em anos anteriores, quando o mercado de construção civil e indústria da transformação exibiam expansão.

## **Usiminas pede medidas contra avalanche de entrada de aço chinês**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

O diretor vice-presidente da Usiminas, Sergio Leite, disse nesta terça-feira, 14, em apresentação no Congresso Brasileiro do Aço, que é preciso que o País tome alguma medida para enfrentar a "avalanche" de entrada de aço chinês, que chega aqui de forma direta ou indireta.

"Nós últimos dez anos a importação de aço indireta quadruplicou, precisamos de uma ação integrada de toda a cadeia produtiva do aço", disse o executivo.

Leite afirmou que a China representa hoje uma fonte de concorrência desleal, fato que tem, até mesmo, afetado os empregos da cadeia no Brasil. "Essa concorrência desleal atinge a todos", disse.

O executivo da siderúrgica mineira disse ainda que o Brasil ficou para trás em termos de consumo per capita de aço, distante, por exemplo, da Coreia do Sul, país que ao longo dos últimos anos tem apresentado crescimento econômico muito superior ao brasileiro.

"No Brasil temos uma demanda represada, principalmente em infraestrutura. Precisamos investir 5% do PIB por ano pelos próximos 20 anos para alcançar os níveis de países industrializados", afirma.

Leite destacou que a indústria do aço no Brasil investiu cerca de US\$ 19 bilhões ao longo dos últimos cinco anos em unidades industriais. "As usinas estão preparadas para um Brasil que não cresceu", disse.

## **Após disparada "exagerada", Vale e siderúrgicas afundam; Eletrobras sobe 3%**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

O Ibovespa tem queda hoje em meio à derrocada dos papéis da Vale e siderúrgicas, após disparada "exagerada" da véspera. Destaque também para a queda das varejistas após dados ruins do setor para o mês de maio.

Do lado negativo, ainda chama atenção a Suzano que cai pelo sexto pregão seguido com a queda do dólar. Confira abaixo os principais destaques de ações da Bovespa nesta sessão, segundo cotação das 12h46 (horário de Brasília):

Vale (VALE3, R\$ 17,84, -3,57%; VALE5, R\$ 14,82, -3,52%)

As ações da Vale caem hoje após disparada de mais de 7% na véspera em meio ao anúncio de redução de 25 milhões de toneladas de sua oferta de minério a partir deste mês, segundo o diretor da empresa do negócio de ferrosos, Peter Poppinga. Acompanham o movimento as ações da Bradespar (BRAP4, R\$ 9,94, -3,50%), holding que detém forte participação na Vale.

Analistas afirmaram que a leitura do mercado ontem foi "errada" sobre o corte e que a alta foi "exagerada". Pouco depois, a própria mineradora afirmou que manterá sua oferta de 340 milhões de toneladas de ferro esse ano.

O que a Vale fez foi substituir o minério de alta custo/baixa qualidade por de menor custo/maior qualidade, explicou o Morgan Stanley. A decisão pode ter até um impacto positivo sobre o Ebitda/tonelada, mas terá um efeito nulo ou até negativo sobre os preços

do minério, comentou o banco. "A alta de ontem não condiz com o cenário atual", disse Pedro Galdi, analista independente do blog What's Call.

Hoje, o minério de ferro recuou 1% no mercado à vista chinês para US\$ 49,40 a tonelada de acordo com dados do The Steel Index. Esse valor segue como referência a commodity com teor de concentração de 62% negociada no porto de Tianjin, na China.

### **Siderúrgicas**

As ações das siderúrgicas deixam para trás os fortes ganhos da véspera e caem hoje: Gerdau (GGBR4, R\$ 6,65, -5,41%), Metalúrgica Gerdau (GOAU4, R\$ 4,85, -7,27%), Usiminas (USIM5, R\$ 4,21, -2,77%) e CSN (CSNA3, R\$ 4,75, -2,26%).

Com o movimento, as ações da Gerdau atingem a maior queda no intraday em três meses. Segundo o economista Herz Ferman, da Elite Corretora, esses papéis passam por uma correção hoje depois da disparada "exagerada" ontem em meio à arrancada da Vale com o notícia da redução de produção de minério de baixa qualidade.

Além disso, o Instituto Aço Brasil refez suas estimativas para o desempenho do setor neste ano. Segundo o estudo, a produção de aço bruto deverá mostrar uma queda de 3,4% sobre o ano passado, contra uma estimativa anterior de alta de 6,4%.

Vale mencionar também que CEOs (Chief Executive Officer) de grandes siderúrgicas comentam hoje o cenário do setor no 26º Congresso do Aço. A ArcelorMittal está vendo uma sobra de cerca de 1 milhão de toneladas em sua capacidade de produção de aços longos no Brasil e vai fechar no próximo mês um laminador em Piracicaba (SP), enquanto avalia a necessidade de paralisação de mais um equipamento nos próximos meses, disse nesta terça-feira o presidente da companhia no país, Jefferson de Paula.

Deve-se destacar que aços longos também são usados pela Gerdau, que aparece hoje como a maior queda do Ibovespa.

Ainda sobre a Gerdau, a companhia anunciou nesta terça-feira uma reestruturação dos negócios nas Américas, com redistribuição das operações em três divisões para América do Norte, América do Sul e Brasil.

Para simplificar e unificar as participações societárias na companhia fechadas da Gerdau S.A. no Brasil, o conselho de administração da empresa aprovou a compra de fatias minoritárias na Gerdau Aços Longos, Gerdau Açominas, Gerdau Aços Especiais e Gerdau América Latina Participações, por um total de R\$ 1,986 bilhão. As aquisições permitirão à Gerdau S.A. deter mais de 99% do capital total de cada uma das controladas.

### **Petrobras**

(PETR3, R\$ 13,36, +0,68%; PETR4, R\$ 11,83, +0,08%)

As ações da Petrobras viraram para alta em meio à movimentação dos preços do petróleo no mercado internacional, que suavizam as perdas registradas mais cedo. O petróleo Brent, negociado em Londres e usado como referência pela Petrobras, caía 0,45%, a US\$ 57,59, enquanto o WTI, do Texas, recuava 0,10%, a US\$ 52,15.

### **Suzano**

(SUZB5, R\$ 15,15, -3,13%)

As ações da Suzano caem pelo sexto pregão seguido em meio à queda do dólar, acumulando perdas de quase 10%. A moeda americana caiu nas últimas quatro sessões. O papel sofre com a desvalorização do dólar já que sua receita é atrelada à moeda americana.

Vale mencionar, no entanto, que a Fibria (FIBR3, R\$ 41,67, +1,14%), também do setor de papel e celulose, opera em alta hoje. Nos últimos seis pregões, os papéis da companhia caíram "apenas" 2,6%.

### **Gol**

(GOLL4, R\$ 6,68, -4,30%)

Depois de ameaçar nova alta nesta sessão, as ações da Gol viraram para queda. Da máxima até a mínima desta sessão, os papéis caíram 5%.

O conselho da companhia se reúne hoje para definir o valor em reais de seu aumento de capital.

Será definido também, o preço e a data da negociação das novas ações a serem emitidas. O acionista controlador (família Constantino) investirá até US\$ 90 milhões e a Delta AirLines até US\$ 56 milhões em ações preferenciais a serem emitidas.

Ontem, a notícia agradou ao mercado e as ações da companhia subiram 15,37%, liderando as altas do Ibovespa, comentou a XP Investimentos.

A Delta também irá garantir um empréstimo a prazo, a ser celebrado pela Gol com credores terceiros, de até US\$ 300 milhões.

### **Varejistas**

As ações das varejistas caem hoje após dados ruins do setor para o mês de maio. As vendas no varejo brasileiro caíram 0,9% em maio, pior desempenho em 14 anos para esse mês e muito pior do que o esperado, aprofundando a fraqueza enfrentada pelo setor diante do cenário de inflação alta e economia fragilizada no país.

Em relação a maio do ano passado, as vendas recuaram 4,5%, num mês marcado pelo Dia das Mães, segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Na Bolsa, as ações do Pão de Açúcar (PCAR4, R\$ 71,35, -3,65%), Via Varejo (VVAR11, R\$ 10,03, -2,53%), Lojas Renner (LREN3, R\$ 114,43, -1,10%) e Magazine Luiza (MGLU3, R\$ 2,89, -2,03%) caem.

Vale mencionar que ontem as ações do Pão de Açúcar dispararam 6,6% após dados operacionais do segundo trimestre mostrar crescimento de 6,6% na receita consolidada na comparação com o mesmo trimestre de 2014.

O Grupo Pão de Açúcar contempla as redes Assai, Cnova e Via Varejo. No caso da Via Varejo, também listada em Bolsa, a receita caiu 21,7% na mesma base de comparação.

### **Eletrobras**

(ELET3, R\$ 6,08, +2,36%; ELET6, R\$ 8,94, +3,11%)

A Eletrobras informou não ter sido intimada sobre qualquer processo de investigação no âmbito da Operação Lava Jato, da Polícia Federal, que apura irregularidades envolvendo contratos com a Petrobras.

O comunicado foi publicado em resposta a questionamento da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) sobre reportagem da revista Veja citada pelo jornal Folha de S.Paulo segundo a qual o empresário Ricardo Pessoa da construtora UTC teria dito aos procuradores que um diretor da Eletrobras sugeriu que desse ao PT parte do que esperava ganhar num contrato da estatal com a construção da usina nuclear Angra 3

## **Porto**

Seguro (PSSA3, R\$ 40,67, -0,20%)

A Porto Seguro teve sua recomendação rebaixada de manutenção para underperform (desempenho abaixo da média) pelo Santander depois de forte desempenho do papel em Bolsa neste ano (+36,6%). Apesar do corte, o banco acredita que a companhia terá bons resultados no segundo trimestre.

Os analistas Henrique Navarro, Boris Molina e Renata Cabral, do banco, introduziram um novo preço-alvo para os papéis para o final de 2016 de R\$ 40,00. O preço-alvo para o fim desse ano é de R\$ 34,00 por ação.

## **Transmissão Paulista**

(TRPL4, R\$ 40,65, +3,67%)

A elétrica Transmissão Paulista teve sua recomendação elevada de neutra para compra pelo BTG Pactual, assim como o preço-alvo, que passou de R\$ 40,00 para R\$ 45,00 por ação.

Segundo analistas, o principal ponto fica para a potencial melhora no pagamento residual que deve ser pago por consumidores, em condições mais favoráveis para a companhia. O modelo do banco assume os mesmos números da [Aneel](#) para o pagamento residual de R\$ 3,6 bilhões, a serem pagos em 30 anos.

## **CVC**

(CVCB3, R\$ 19,19, +0,95%)

Os papéis da CVC dispararam a partir de ontem à tarde, chegando a ganhos de 6,43% na máxima do pregão após a notícia de que a TUI Travel, líder no mercado de turismo na Europa, estaria de preparando para fazer uma oferta pela CVC. As informações são de Geraldo Samor, da Veja Mercados.

Apesar da disparada, os papéis perderam força, fechando ontem com alta de 2,20%, cotada a R\$ 19,01. Segundo Samor, a TUI está trabalhando com o Deutsche Bank para fazer a oferta, lembrando que esta não é a primeira vez que a companhia tenta comprar a CVC.

## **Vale cortará a oferta em 25 milhões de toneladas**

15/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Diante da queda nos preços internacionais do minério de ferro e do prejuízo registrado no primeiro trimestre deste ano, a Vale S/A deu início ao plano de redução da oferta. A estratégia prevê o corte de 25 milhões de toneladas do insumo siderúrgico já a partir deste mês, entre silicosos e compra de terceiros, nos sistemas Sul e Sudeste, incluindo as unidades de Minas Gerais, já que o Estado concentra cerca de 60% da produção total da companhia.

A informação é do diretor-executivo de Ferrosos da companhia, Peter Poppinga. Segundo ele, o objetivo é otimizar as margens de lucro, por meio da redução da oferta de minério de baixa qualidade e da produção de terceiros.

O plano, conforme o diretor da Vale, no entanto, não significa fechamento de minas, mas a otimização de alguns fluxos de produção. "Nossa meta agora não é mais volume a qualquer custo, mas sim a maximização das margens", afirmou.

O diretor-executivo de Ferrosos explicou que a estratégia prevê o aumento da produção



no Sistema Norte, que compreende o complexo de Carajás (PA) e a substituição nos sistemas Sul e Sudeste.

"Vamos aumentar fortemente a produção nos próximos anos no Norte, porque nos traz uma margem muito boa, mesmo a preços menores. Já no caso do Sul e Sudeste, teremos a substituição via novas instalações de beneficiamento de minério de baixo teor", disse Poppinga.

A mineradora pretende ampliar o teor de ferro de seu minério para 64,9% até 2018 - o nível hoje é de 63,9%.

**Meta** - Quando questionado sobre a manutenção ou não da meta de fornecimento de 340 milhões de toneladas de minério de ferro em 2015, Poppinga destacou que esta é apenas a meta.

"Vamos tentar chegar neste patamar via aumento da produção de produtos com mais margem. Ainda não sabemos avaliar se haverá uma redução", ponderou.

O diretor da Vale lembrou ainda que o objetivo da companhia é chegar a 2018 com capacidade de 450 milhões de toneladas de minério de ferro, principalmente a partir do Sistema Norte, com 410 milhões de toneladas voltadas para a exportação e os 40 milhões restantes para o mercado interno.

A busca pela redução dos custos operacionais ocorre em meio à redução brusca das margens de lucro das mineradoras em função da queda na cotação do insumo siderúrgico, que perdeu mais da metade do valor em um ano.

Na semana passada, os preços internacionais do minério de ferro chegaram a US\$ 44,59 a tonelada, a cotação mais baixa dos últimos seis anos, no mercado *spot* (à vista) da China.

Em Minas Gerais, a Vale mantém os sistemas Sul e Sudeste, que englobam importantes complexos minerários da companhia e também as mais antigas minas em atividade. Somente no primeiro trimestre estas jazidas foram responsáveis pela produção de 45,667 milhões de toneladas de minério de ferro.

O montante representa 61% das 74,523 milhões de toneladas extraídas pela mineradora no período.

## **Trabalhadores acampam em frente à GM**

15/07/2015 - Fonte: Diário do Grand ABC



Trabalhadores da General Motors estão acampados em frente à fábrica em São Caetano. Cerca de 40 operários se revezam entre 20 barracas para protestar contra as demissões dos 419 trabalhadores que estavam em lay-off (suspensão temporária de contrato), na semana passada. O movimento pede especialmente a reintegração de profissionais sequelados, ou seja, que sofreram acidente de trabalho ou possuem restrição médica.

Outro pleito é a adesão da montadora ao PPE (Programa de Proteção ao Emprego), que oferece a possibilidade de redução de até 30% da jornada de trabalho, com diminuição de 30% do salário pago pelo empregador, mas de apenas 15% para o profissional, já que o FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) complementa os 15% restantes.

“Não dá para entender. Quando o governo finalmente concede um incentivo para manter o emprego, a montadora demite 419, sendo vários lesionados, que teriam direito à estabilidade na empresa, conforme a convenção coletiva da categoria. A GM está na contramão de tudo”, explica um operário que preferiu não se identificar, pois está atualmente em lay-off até outubro e teme ser demitido.

O ato está sendo organizado pela chapa de oposição ao atual comando do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano. “O sindicato infelizmente se omite, alega que foi aceita em assembleia a estabilidade de seis meses (a montadora pagou os salários referentes aos próximos seis meses na rescisão). Mas nem com tudo o que é aprovado em assembleia de fato estamos de acordo. Não há democracia nesses atos”, desabafa o trabalhador suspenso.

Questionado, o presidente do sindicato, Aparecido Inácio da Silva, o Cidão, afirma que esses funcionários estão “passando a carroça na frente dos bois”. “É legítimo o acampamento deles, mas, antes, eles deveriam ter procurado o sindicato para que pudéssemos tentar negociar com a empresa.”

Cidão conta que houve 28 pedidos de reconsideração dos cortes, sendo que dez foram apresentados à GM na noite de ontem para que sejam avaliados novamente. São operários com algum tipo de lesão ou doença. A resposta deve sair hoje.

Em relação ao PPE, o sindicalista disse que ainda não está conversando sobre isso com a fabricante, porque esses trabalhadores suspensos ou demitidos eram do terceiro turno, em que já havia excedente e nada poderia ser feito devido ao mau andamento da economia, que derrubou as vendas.

Atualmente, existem 1.028 funcionários em lay-off e cerca de 4.500, do primeiro e segundo turnos, na ativa na linha de produção na planta da região. Procurada, a GM não se manifestou até o fechamento desta edição.

## **Volkswagen silencia e cegonheiros mantêm paralisação na fábrica**

15/07/2015 - Fonte: Diário do Grand ABC



Sem acordo, motoristas de caminhões-cegonha decidiram que a entrega dos carros zero-quilômetro fabricados pela Volkswagen continuará paralisada. A greve, iniciada ontem, tem como objetivo pressionar a montadora a não alterar o sistema de distribuição dos veículos para as concessionárias de todo o Brasil. A categoria estima que a mudança planejada provocaria demissões de 20 mil trabalhadores no País, sendo 5.000 no Grande ABC.

Atualmente, a Volkswagen conta com quatro distribuidoras (Brazul, Tegma, Transauto e Tranzero). Na região, essas companhias contam com aproximadamente 3.600 prestadores de serviço, entre pequenas e médias empresas e trabalhadores autônomos.

De acordo com o vice-presidente do Sindicato Nacional dos Cegonheiros, Jaime Ferreira dos Santos, a montadora está planejando delegar essa atividade a apenas uma companhia – que não está entre as quatro citadas acima.

A decisão pelo início da greve foi tomada após assembleia realizada no dia 7. “Desde então, a empresa não nos chamou para negociar”, afirma Santos. Segundo ele, a montadora também não informou, oficialmente, qual é o motivo da mudança.

“Eles fazem tudo por debaixo do pano. Tem uma pessoa lá de dentro com intenções obscuras. De repente vão fazer como fizeram com outro segmento, em que o pessoal amanheceu desempregado.”

Ele se refere ao transporte de funcionários por ônibus fretados pela Volkswagen, serviço que hoje é prestado pela Júlio Simões Logística. Segundo o vice-presidente, a troca ocorreu há pouco mais de três anos.

Na manhã de ontem, cerca de 3.000 cegonheiros em 150 caminhões fizeram manifestação na Pista Sul (sentido Litoral) da Via Anchieta, em frente ao portão principal da Volkswagen.

Os caminhões-cegonha foram enfileirados ao longo de aproximadamente 1,5 quilômetro, ocupando o acostamento da faixa da direita.

O ato foi acompanhado por equipes da concessionária Ecovias e da Polícia Militar Rodoviária. Não houve registro de tumultos. À tarde, os motoristas fizeram carreatas até o Riacho Grande.

“Vamos ficar aqui parados até que haja uma definição. E se eles insistirem nessa situação, continuaremos assim. O lugar que a gente tem para guardar as carretas é na rua”, comenta Santos.

O presidente do sindicato, José Ronaldo Marques da Silva, o Bozinho, salienta que, se não houver negociação, a categoria poderá iniciar um acampamento em frente à fábrica.

A Volkswagen mantém posicionamento de que “está realizando uma ação regular, que serve para a verificação e análise do posicionamento de preços de um serviço dentre as opções disponíveis no mercado” e que respeita os contratos com fornecedores.

ANGÚSTIA - Enquanto aguardam decisão oficial da empresa, trabalhadores vivem clima de insegurança. “Estou na segunda geração de cegonheiros da família.

Meu pai começou a trabalhar com isso em 1963 e eu estou neste ramo há 25 anos. Se trocarem, não sei o que farei”, lamenta Jorge Araújo, 52 anos.

O motorista Antônio Bezerra Dantas, 69, considera como ingratidão a intenção da montadora de substituir os prestadores de serviço.

“Desde a década de 1960, transporto veículos dessa marca. Já rodei por estradas de terra e fiquei sem comer, pois não havia restaurantes na rodovia. Peguei malária em viagens para o Norte e é assim que retribuem.”

Outro cegonheiro antigo é Artêmio Salles, 76. “Contamos com a compreensão da Volkswagen, pois eu vivo disso e gosto do que faço”, diz. O filho dele, de 47 anos, também atua no segmento.

## Apesar da crise, ThyssenKrupp mantém plano de investimentos

15/07/2015 - Fonte: Portos e Navios

O conglomerado alemão ThyssenKrupp, presente em várias áreas de negócios no Brasil - de aço a elevadores e autopeças - mostra otimismo cauteloso em relação ao país no cenário atual de baixo crescimento da economia. Em passagem de dois dias por São Paulo e Rio, o presidente mundial do grupo, Heinrich Hiesinger, declarou ao Valor que o programa de investimento definido para as atividades locais até 2020, de R\$ 2 bilhões, está mantido e sua aplicação vai ocorrer conforme as condições do desempenho econômico.

O executivo disse que as empresas da ThyssenKrupp no país têm compensado parte da perda de vendas local com exportações, beneficiadas pelo câmbio mais apreciado. Isso se verifica tanto no setor de autopeças quanto na produção de aço (placas), no Rio, que praticamente é toda exportada para a América do Norte e para unidades alemãs do grupo.

Hiesinger, oriundo da também alemã Siemens, vem realizando um trabalho árduo de pôr o rumo do grupo nos eixos. Ele assumiu o cargo em 2011 com a missão de reorganizar o portfólio de negócios da ThyssenKrupp e transformar a cultura da companhia: ser mais voltada para alta tecnologia e inovação.

No Brasil, o conglomerado obtém próximo de 60% do faturamento no negócio siderúrgico, pouco mais de 25% com componentes automotivos e plantas industriais e cerca de 15% com o setor de elevadores.

De cerca de R\$ 9,3 bilhões de receita líquida no ano fiscal 2014/13, encerrado em setembro, R\$ 5,6 bilhões foram oriundos da ThyssenKrupp CSA, a siderúrgica que fica no distrito de Santa Cruz, município do Rio.

O executivo avalia que a América do Sul, com o Brasil à frente, tem desafios grandes pela frente. "O país vinha num caminho de crescimento e agora passa por essa fase de ajustes da economia", diz, observando que todos os setores em que grupo atua são afetados, mas não da mesma forma. "O grupo é robusto e tem capacidade de se adaptar", afirma.

A área de elevadores, por exemplo, viveu dois anos de forte crescimento - 2013 e 2014 -, aproveitando-se do boom imobiliário e de obras de infraestrutura. Mesmo com desaceleração de 10% a 15%, a base é elevada.

Nesse negócio, lembrou, o grupo fez expansão da capacidade em 30%, na fábrica de Guaíba (RS). "Quando a economia voltar estaremos prontos para atender". As vendas dessa divisão no país cresceram em receita 11% no ano passado.

O câmbio, com a apreciação que vem desde 2014, tem ajudado a compensar a perda de mercado local. Um dos negócios, o de autopeças para motores, tem 30% da produção voltada para o mercado externo. Nessa área o grupo tem várias fábricas no país, a principal em Campo Limpo Paulista (SP).

Na CSA, a previsão era de fechar o ano, no fim de setembro, com produção e vendas de 4,1 milhões de toneladas de placas, a quase totalidade voltada para exportação. Mas problemas com suprimento de água (acionamento na região) para as operações da usina, que é integrada com altos-fornos, aciaria, coquearias, termelétrica e um porto, levaram à perda de 300 mil toneladas. O problema está sendo resolvido com a construção de uma tubulação de abastecimento.

O câmbio, com a apreciação que vem desde 2014, tem ajudado a compensar a perda de mercado local.

Sobre preocupações com o momento de economia fraca do país, o executivo descarta medidas rígidas para os negócios locais. "Não temos planos de reduzir ou revisar nosso plano de investimento no Brasil.

Dependendo de como se comportar o mercado, podemos ajustar a velocidade, atrasando um pouco o cronograma. Apenas isso". Ele ressalta que o Brasil tem muitos fundamentos consistentes: agricultura, população jovem e recursos naturais. "Estamos otimistas para o médio e longo prazos."

O executivo informa, no entanto, que pequenos ajustes tiveram de ser feitos com a crise do país. Cerca de 400 a 450 funcionários, de um total de 12 mil, foram demitidos em algumas fábricas.

Mas lembra que houve contratações na nova unidade automotiva que acabou de ser inaugurada em Poços de Caldas (MG) e na nova linha de produção de Campo Limpo. "Tentamos minimizar o que foi possível para manter as pessoas", disse.

Sobre as medidas tomadas pelo governo brasileiro para fazer o ajuste econômico do país, diz que elas terão prazo para gerar resultados. "A questão é quando". O recuo no nível de atividade, todavia, já era esperado, afirma. Pelo menos o câmbio está mais competitivo que um ano atrás, disse, mas Hiesinger evitou fazer projeções sobre o PIB e a evolução do dólar no prazo de 6 meses a um ano.

Ele lembrou que a flutuação da moeda não ocorre somente no Brasil e que o grupo, por ter uma atuação global, tem de se adaptar, ajustando a cadeia de suprimento para fazer "hedge" natural.

Nos seus quatro anos de gestão, vem trabalhando para o aumento da diversificação do grupo, inclusive regionalmente, o que já traz resultados positivos. "Começamos com um resultado financeiro, o Ebit, de € 300 milhões.

Para o ano fiscal 2015 [que se encerra em setembro] prevemos entre € 1,6 bilhão e € 1,7 bilhão, 30% maior que o do ano passado", afirma Hiesinger. "A estratégia está bem mais solidificada."

Globalmente, na visão do executivo, a expansão da economia e dos negócios está equilibrada. Na China, apesar da desaceleração, a ThyssenKrupp prevê crescer 12% a 15%; na Europa 1,5% - "melhor do que se esperava" - e na América do Norte uma taxa de 3,5% a 4%. "Nossas operações são bem balanceadas na Europa, Ásia e Américas", observou Hiesinger.

A respeito do papel da China no mercado de aço, ele disse que o excesso de oferta, num primeiro momento, acabou ficando no próprio mercado chinês, mas depois com a demanda menor do país começou a inundar mercados no Ocidente.

E que é natural que alguns países comecem a se proteger com ações antidumping junto às autoridades de comércio.

A China faz praticamente metade da produção mundial de aço e já exporta grande volume, principalmente para as Américas.

A vinda ao Brasil, quase um ano depois da última vez, declarou Hiesinger, faz parte do processo de implantação da "cultura de transformação" da ThyssenKrupp, que prevê encontros com lideranças regionais.

"É um fórum anual, sempre nessa época, quando o board da companhia faz visitas regionais e discute estratégias. Segundo o executivo, o objetivo é engajar todos nos negócios. Três semanas atrás, foi na América do Norte; ainda neste mês será a vez da Ásia.

No Brasil, o encontro envolveu 150 líderes do grupo e o foco foi a discussão do alinhamento estratégico do projeto em curso adotado pelo CEO e sua diretoria desde que assumiu o cargo.

### **CADE aprova operação da Thyssen para ampliar presença na China**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou, sem restrições, operação da ThyssenKrupp Steel Europe (TKSE) que busca ampliar a atuação no mercado chinês de aço galvanizado por imersão a quente, aço 'galvannealed' e lâminas e bobinas de aço revestidas de alumínio-silício.

De acordo com parecer do órgão antitruste, os produtos terão como alvo a indústria automotiva, mas poderão ser utilizados em uma variedade de outros segmentos, como, por exemplo, aparelhos domésticos.

A empresa que está sendo formada não se destina a operar fora da China.

Além da TKSE, o negócio envolve a Pangang Group Xichang Steel & Vanadium Co., Ltd. (Pansteel), empresa chinesa que atua na produção e venda de chapas laminadas a quente de aço-carbono, e a também chinesa TKAS Auto Steel Company Limited (Tagal), que se dedica à produção de produtos planos de aço galvanizado. TKSE e Tagal entrarão no capital da TKAS.

A única com atuação no Brasil é a TKSE, que exporta determinadas linhas de aço e componente forjados e usinados para veículos leves e pesados.

### **Venda de ativos da CSN pode ocorrer ainda neste ano, diz Steinbruch**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

O presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Benjamin Steinbruch, afirmou que a venda de alguns ativos de seu plano de desinvestimentos pode ocorrer já neste ano. Os negócios considerados estratégicos são siderurgia, mineração e cimento.

A venda da participação na concorrente Usiminas, que já foi exigida pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), é uma das possibilidades para levantar recursos, afirmou o presidente da empresa.

A ideia da CSN é conseguir evitar uma escalada do endividamento em meio à piora do câmbio e dos juros no Brasil.

"Temos bons ativos, mas que não estão gerando o caixa necessário", afirmou Steinbruch. Qualquer um deles, além da siderurgia, da mineração e de cimentos pode ser avaliado, comentou.

No caso da MRS Logística, o objetivo não seria sair do negócio e, sim, vender o excesso de ações — hoje a fatia é de 33,2%.

Questionado se a empresa está concedendo descontos para incentivar vendas, o executivo respondeu que, atualmente, mais importante que o preço são os prazos de entrega e que a empresa está pulverizando mais a comercialização.

Sobre o câmbio ideal para exportações, via mais rápida e fácil de se retomar o crescimento da economia brasileira na opinião do executivo, Steinbruch afirmou que pensa em algo entre R\$ 3,30 e R\$ 3,40 ante o dólar.

## **Worldsteel: consumo de aço no mundo deve subir 40% até 2040**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

As oportunidades globais da siderurgia são atrativas, mas menores do que no passado - a conclusão é de Edwin Basson, diretor-geral da Worldsteel Association, que participa do Congresso Brasileiro do Aço, realizado pelo Instituto Aço Brasil em São Paulo.

Segundo Basson, o consumo de aço no mundo deve crescer cerca de 40% até 2040, de 1,5 bilhão de toneladas no ano passado para 2,1 bilhões de toneladas. O ritmo é menos da metade da última década, quando a demanda dobrou, acrescentou o executivo.

Basson disse que existe como as produtoras ganharem nesse cenário, especialmente com a urbanização. O movimento de construção de residências e infraestrutura, da zona rural para a cidade, tem correlação positiva com o consumo de aço, o que traz chances de ganhos.

Nos cálculos da Worldsteel, as siderúrgicas precisarão fabricar aço para casas aos cerca de 100 milhões de sem-teto espalhados pelo mundo atualmente. Além disso, a previsão é que até 2040 a população global atinja 9 bilhões de pessoas, demandando ainda mais produtos feitos do aço.

Um dos problemas que o Brasil terá de resolver nesse sentido é o fato de não ter se beneficiado tanto quanto outros emergentes da urbanização.

Ao contrário de países como Argentina, Índia, China e outros, o consumo aparente do aço — que agrega produtos domésticos e importados — subiu a um ritmo bem menos intenso do que o do crescimento local da urbanização.

Basson citou que o Brasil está voltando a ser exportador líquido de aço, “principalmente em produtos indiretos”, enquanto a região sul-americana tem se transformado em importadora líquida.

O país tem uma das taxas mais baixas de investimento em infraestrutura entre os emergentes, segundo ele. “Há desafios estruturais das economias em crescimento, e haverá um crescimento do consumo de aço no futuro pela infraestrutura.”

O representante do Worldsteel acrescentou que as preocupações com as questões ambientais estão crescendo.

“Podemos ir da estrutura linear para uma estrutura circular, em que pensamos no que vamos fazer com o aço no futuro”, disse.

## **Setor siderúrgico vive uma de suas piores crises, diz IABR**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

O setor siderúrgico brasileiro está vivendo neste momento uma de suas piores crises, disse na abertura do 26º Congresso do Aço neste domingo, 12, o presidente do Conselho diretor do Instituto Aço Brasil (IABr) e presidente da ArcelorMittal Brasil, Benjamin Mario Baptista.

"Questões conjunturais e estruturais levaram a indústria a essa situação, que ficou mais evidente nesse ano, de grandes dificuldades para o País, com projeção de queda do PIB de cerca de 2% para este ano", disse.

Baptista destacou que em 2008 o setor siderúrgico mundial também atravessou uma crise, mas naquele momento a China funcionou como uma "âncora de salvação" foi o crescimento da China, que absorveu, segundo ele, grande parte da produção mundial de matérias-primas, por exemplo.

"No entanto, rapidamente esse país aumentou sua capacidade de produção industrial e inverteu sua posição de importador líquido para exportador líquido. No Brasil, passamos pelo processo inverso", disse. Por aqui, lembrou, houve um crescimento das importações diretas e indiretas de aço.

Outro ponto que vem pesando para o setor é o alto excesso de capacidade de aço no mundo, estimada em 719 milhões de toneladas. O executivo lembrou que a situação ainda pode piorar, visto que nos próximos dois anos a previsão é de que haverá um incremento dessa capacidade em 106 milhões de toneladas, sendo que, desse volume, 40 milhões de milhões de toneladas devem vir da China. "Haverá uma pressão do aço chinês no mercado internacional", disse.

### **Dólar -**

O presidente do conselho diretor do IABr disse que a desvalorização do real não tem ajudado, até aqui, o setor siderúrgico nacional, visto que outros países exportadores de aço também estão vendo suas taxas de câmbio retraindo em relação ao dólar, sendo que em alguns casos essa desvalorização foi ainda maior.

O executivo disse que há um entendimento da necessidade de medidas de ajuste fiscal para reverter o déficit primário e manter o grau de investimento do país, mas que esse processo "não pode o único foco" do governo.

"Sem a indústria não há crescimento, geração de empregos, tampouco renda. Com a queda da competitividade da indústria, a curva exponencial de desmobilização de mão de obra própria e de terceiros vem ampliando o raio de degradação social no Brasil".

## **Indústria siderúrgica demitiu 11.188 funcionários em 12 meses, diz IABR**

15/07/2015 - Fonte: Época Negócios

O cenário de crise da indústria siderúrgica brasileira bateu de frente no emprego. Segundo levantamento feito pelo Instituto Aço Brasil (IABr), 11.188 funcionários do setor já foram demitidos em doze meses e outros 1.397 tiveram seus contratos suspensos (lay off).

Essa desmobilização de mão de obra, fruto da fraca atividade, é consequência da desativação ou paralisação de 20 unidades, sendo 2 alto-fornos, 4 aciarias e laminadores.



Ainda de acordo com a entidade, caso o quadro atual se mantenha a estimativa é de que outras 3.955 pessoas sejam demitidas ainda neste ano.

O IABr aponta ainda que US\$ 2,1 bilhões foram postergados em investimentos do setor.

### **Produção**

O Instituto Aço Brasil (IABr) revisou a sua estimativa de produção de aço bruto em 2015 para uma queda de 3,4% em relação ao ano passado, a um volume de 32,8 milhões de toneladas.

A expectativa anterior apontava para um crescimento de 6,4% nos volumes produzidos. "Estamos vivendo a maior crise de nossa história", disse o presidente executivo do Instituto Aço Brasil (IABr), Marco Polo de Mello Lopes.

Para as vendas internas, que a entidade já havia revisto para uma queda de 8% neste ano, a percepção é de piora do cenário. Agora o IABr espera que as vendas de aço no mercado doméstico em 2015 caiam 15,6% em relação ao ano passado, para 18,3 milhões de toneladas. Já para o consumo aparente de aço a estimativa é de uma retração de 12,8% para 22,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo patamar visto em 2007.

O presidente do conselho diretor do Instituto Aço Brasil (IABr) e presidente da ArcelorMittal Brasil, Benjamin Mario Baptista, disse que os clientes das siderúrgicas, como o setor automobilístico e da construção civil, por exemplo, vivem uma situação tão difícil quanto a vista pelas usinas.

"Vemos um impacto direto no nosso negócio. A situação que estamos convivendo hoje é mais grave do que a crise de 2008 e 2009, mas nesta não temos horizonte e não mostra a luz do túnel", disse o executivo.

Um dos pontos que pesa hoje para o setor é o excesso de capacidade no mundo, que hoje chega a 719 milhões de toneladas, vindo, em especial, da China, país que tem, inclusive pressionado outros por exportar aço em prática considerada como desleal no mercado.

Por conta disso, a entidade vem trabalhando para que medidas de defesa comercial contra a China sejam adotadas. Baptista destacou que as entidades da América Latina estão unidas, "apelando" para que os governos da região atuem em prol da competição leal.

## **IABR revisa para baixo projeção de produção de aço bruto para 2015**

15/07/2015 - Fonte: Época Negócios

O Instituto Aço Brasil (IABr) revisou a sua estimativa de produção de aço bruto em 2015 para uma queda de 3,4% em relação ao ano passado, a um volume de 32,8 milhões de toneladas.

A expectativa anterior apontava para um crescimento de 6,4% nos volumes produzidos. "Estamos vivendo a maior crise de nossa história", disse o presidente executivo do Instituto Aço Brasil (IABr), Marco Polo de Mello Lopes.

Para as vendas internas, que a entidade já havia revisto para uma queda de 8% neste ano, a percepção é de piora do cenário.

Agora o IABr espera que as vendas de aço no mercado doméstico em 2015 caiam 15,6% em relação ao ano passado, para 18,3 milhões de toneladas.

Já para o consumo aparente de aço a estimativa é de uma retração de 12,8% para 22,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo patamar visto em 2007.

O presidente do conselho diretor do Instituto Aço Brasil (IABr) e presidente da ArcelorMittal Brasil, Benjamin Mario Baptista, disse que os clientes das siderúrgicas, como o setor automobilístico e da construção civil, por exemplo, vivem uma situação tão difícil quanto a vista pelas usinas. "Vemos um impacto direto no nosso negócio.

A situação que estamos convivendo hoje é mais grave do que a crise de 2008 e 2009, mas nesta não temos horizonte e não mostra a luz do túnel", disse o executivo.

Um dos pontos que pesa hoje para o setor é o excesso de capacidade no mundo, que hoje chega a 719 milhões de toneladas, vindo, em especial, da China, país que tem, inclusive pressionado outros por exportar aço em prática considerada como desleal no mercado.

Por conta disso, a entidade vem trabalhando para que medidas de defesa comercial contra a China sejam adotadas. Baptista destacou que as entidades da América Latina estão unidas, "apelando" para que os governos da região atuem em prol da competição leal.

## **Vale mantém meta para oferta de minério de ferro em 2015**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

A Vale anunciou nesta segunda-feira, em comunicado, que, apesar de reduzir em 25 milhões de toneladas o minério de ferro que fornece ao mercado, manterá a meta de oferta de 340 milhões de toneladas de ferro para 2015.

Mais cedo, durante o Congresso do Brasileiro do Aço, realizado na capital paulista, a Vale anunciou que vai começar a reduzir o minério de ferro que fornece ao mercado a partir deste mês, segundo Peter Poppinga, diretor de ferrosos da companhia. Esse corte virá de silicosos e das compras de terceiros, acrescentou.

Nas contas da Vale, cerca de 53 milhões de toneladas serão reduzidas da capacidade produtiva da companhia até 2018, por conta desse fenômeno de queda de volumes, conhecido como "depletion" (esgotamento). "Se com a Vale ocorre isso, imagine o quanto vai afetar o mundo", disse Poppinga.

De acordo com o executivo, há um espaço não determinado, só até o fim de 2016, de recuo na produção global em 60 milhões de toneladas, que ainda não se tem certeza de onde virá, mas que seria resultado, em parte, desse processo de esgotamento das minas.

O objetivo da companhia é chegar em 2018 com capacidade de 450 milhões de toneladas de minério, principalmente com o desenvolvimento do projeto S11D, em Carajás, no Pará. Desse total, aproximadamente 410 milhões de toneladas serão destinadas à exportações, acrescentou o executivo.

Enquanto isso, a Vale trabalha para diminuir seus custos. Dos US\$ 65 por tonelada de gastos registrados no ano passado, para a commodity já entregue à China, a projeção é que o custo vá a US\$ 40 em 2015 e a menos de US\$ 35 até 2018. "O foco hoje, mais do que nunca, é a margem [de lucro]", afirmou Poppinga.

Como maior produtora da commodity no mundo, a empresa brasileira é uma das responsáveis pelo excesso global de oferta existente hoje. No entanto, o executivo disse que apenas a redução da qualidade das jazidas, natural ao longo do tempo, já será responsável por enxugar essa sobrecapacidade.

O anúncio puxou para cima as ações da Vale na BM&FBovespa. Por volta de 15h24, os papéis ON subiam 6,25%, a R\$ 18,18, e as ações PNA avançavam 4,65%, a R\$ 15,08.

## **Preço do minério de ferro caminha para estabilidade, afirma Rio Tinto**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

Após um período de forte valorização nos últimos anos, o preço do minério de ferro caminha para um "novo normal", afirmou o diretor administrativo da Rio Tinto Michael, Gollschewski, dando a estender que a tendência é de estabilidade nas cotações. A declaração foi dada em apresentação realizada hoje.

Entre 2004 e 2011, o minério de ferro apresentou uma alta de preço puxada pela forte demanda chinesa, saindo do patamar histórico de décadas abaixo de US\$ 50 por tonelada para um nível recorde, acima de US\$ 190.

Desde então, o preço da commodity enfrenta uma fase de "transição", diz Gollschewski, por conta da desaceleração do crescimento da China e pelo surgimento de novas companhias no setor incentivadas pelo boom dos preços do minério de ferro.

"As condições de mercado mudaram, mas os fundamentos permanecem robustos", diz ele. Para a Rio Tinto, a produtividade será o principal motor das cotações no ambiente atual, afirma Gollschewski.

Na sexta-feira passada, o minério de ferro fechou negociado a US\$ 49,90 a tonelada.

## **Vale efetiva redução na oferta de minério**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

Numa mensagem de que a empresa não vai produzir minério "a qualquer custo" e que o foco é, "mais do que nunca", a margem de lucro, o diretor da Vale no negócio de metais ferrosos, Peter Poppinga, informou ontem que, já a partir deste mês, a mineradora vai começar a retirar 25 milhões de toneladas de sua oferta de minério de ferro.

O executivo explicou que os cortes virão dos sistemas Sul e Sudeste, de minérios silicosos e dos volumes que compra de terceiros. "Nossa estratégia é reduzir a produção de menor qualidade no Sul e Sudeste e reforçar o Sistema Norte", afirmou durante o Congresso Brasileiro do Aço.

Pouco mais de três horas após as declarações de seu diretor de ferrosos, a Vale emitiu comunicado ao mercado para reforçar que, apesar do corte anunciado por Poppinga, manterá a meta de alcançar oferta de 340 milhões de toneladas de ferro neste ano.

A redução neste mês confirma intenção que a mineradora manifestou no primeiro semestre de que diminuiria a produção em até 30 milhões de toneladas, a depender das condições de mercado.

A indicação de que a maior produtora de minério de ferro do mundo vai lutar contra o excesso global da commodity para reduzir a pressão sobre os preços foi bem recebida pelo mercado.

As ações preferenciais de classe A da empresa, de maior liquidez, fecharam ontem na BM&FBovespa com alta de 6,59%, cotadas a R\$ 15,36. Já os papéis ON, com direito a voto, tiveram valorização de 8,12%, para R\$ 18,50.

Em sua participação no congresso, o executivo da Vale avaliou que a situação de sobreoferta de minério provavelmente continuará em 2016. "O ritmo de crescimento do passado será bem mais modesto nessa década e vamos ter produção flat [estável] ano a ano", declarou.

Por outro lado, ele ressaltou que o esgotamento das reservas, reduzindo o teor de ferro no minério, levará a um enxugamento natural desse excesso. Nas contas da Vale, cerca de 53 milhões de toneladas serão reduzidas da capacidade produtiva até 2018 principalmente por conta do esgotamento das minas, fenômeno conhecido como "depletion".

Indicação de que a empresa vai lutar contra o excesso da commodity foi bem recebida pelo mercado.

Estima-se que a indústria de mineração teria de repor 500 milhões de toneladas com a exaustão das reservas nos próximos dez anos. Mas como a cotação do minério ao redor de US\$ 50 por tonelada não dá viabilidade a projetos "greenfield" - que começam a partir do zero -, algumas mineradoras "forçaram demais" a exploração de suas minas para se manterem no jogo, disse Poppinga.

Se, de um lado, esse esgotamento levará a uma diminuição da oferta global, por outro, fará com que usinas siderúrgicas tenham que pagar mais caro para tirar impurezas de um minério cada vez mais pobre.

Poppinga afirmou que isso vai dar vantagem competitiva para a Vale, já que os projetos em execução da mineradora permitirão a ela aumentar o teor de ferro de seu minério.

Segundo Poppinga, o mercado levará mais tempo para sair da crise atual, comparativamente à crise financeira enfrentada em 2008 e 2009, uma percepção que durante o congresso da indústria siderúrgica mostrou-se um consenso entre os agentes do setor.

Para o executivo, enquanto, em 2008, o setor teve pela frente uma crise de oferta de minério - seguida por uma recuperação rápida da demanda por metais -, dessa vez, o excesso de oferta se soma a uma crise de consumo.

Após anunciar queda de quase 13% das vendas internas no primeiro semestre e cortar suas previsões de produção e consumo no ano, o Instituto Aço Brasil, entidade que representa a indústria siderúrgica nacional, avaliou ontem que o setor vive a crise mais severa de sua história.

Ao fazer uma comparação com a crise financeira de 2008, Marco Polo de Mello Lopes, presidente-executivo da associação, disse que a recessão atual é preocupante por ser mais prolongada. Segundo a entidade, o setor está usando 69% da capacidade - quando o ideal seria 80% - e o mercado doméstico deve retroceder em 2015 aos níveis de oito anos atrás.

A crise, conforme a associação, já levou a indústria siderúrgica a adiar investimentos de US\$ 2,1 bilhões e as novas estimativas apontam para demissões de mais 4 mil trabalhadores desse setor até o fim do ano, o que elevaria o corte de mão de obra, executado desde o ano passado, para mais de 15 mil empregados, ou cerca de 13% do efetivo.

A expectativa da associação é que a siderurgia produza 32,8 milhões de toneladas de aço bruto em 2015, 3,4% a menos do que no ano passado. A previsão anterior era de crescimento em 6,5%.

Para as vendas no mercado interno, a previsão de queda passou de 8% para 15,6%, para um total de 18,3 milhões de toneladas. O Aço Brasil também mudou a expectativa em relação ao consumo aparente de aço, de uma queda de 7,8% para baixa de 12,8%.

Se a previsão se confirmar, a demanda por produtos siderúrgicos no país cairá para 22,3 milhões de toneladas, o que significaria um retrocesso ao nível de 2007.

## **Minas-Rio usa circuito de moagem inédito**

15/07/2015 - Fonte: Diário do Comércio

O Sistema Minas-Rio, operação de exploração de minério de ferro da Anglo American em Minas e no Rio de Janeiro, entrou em fase de ramp-up e deve atingir sua capacidade máxima de produção nominal - 26,5 milhões de toneladas por ano - no segundo do trimestre de 2016.

O complexo, cujo primeiro embarque ocorreu em outubro de 2014, opera hoje com 30% a 40% de capacidade. Até o ano que vem, quando deverá estar concluído, o projeto terá demandado investimentos de US\$ 8,4 bilhões.

Contando com o maior circuito de remoagem do mundo, que usa a tecnologia de moinhos verticais no processo de beneficiamento do minério, o sistema, segundo o gerente de Desenvolvimento de Processos do Minas-Rio, José Cabello Russo, já tem condições de operar à plena capacidade.

"O circuito de remoagem já atingiu também o objetivo principal que era a redução no consumo de energia, superior a 30% se comparado aos modelos tradicionais de moinhos de bolas", explicou. Ele possui duas linhas de remoagem compostas cada uma por oito moinhos Vertimill, com potência de 1,1 megawatts (MW) cada, além de quatro baterias de ciclones para classificação do minério.

Segundo a Anglo-American, o Minas-Rio utiliza 17,9 MW de potência em seu processo de remoagem, enquanto a aplicação com moinhos de bolas seria de 25,6 MW, o que representa economia significativa de 7,7 MW. Com o uso do sistema, a redução nos custos totais da companhia (sem contar impostos) é cerca de R\$ 23 milhões por ano.

Constituído por um cilindro vertical carregado de corpos moedores, o Vertimill usado no Minas-Rio utiliza bolas de aço/cromo com tamanho de 12.5 mm. Uma espiral instalada no centro desse cilindro movimenta os corpos moedores para promover a redução das partículas por meio de alta frequência de impactos de pequena energia e atrito entre os corpos moedores. "Nesse tipo de aplicação, somos pioneiros no Brasil e no mundo", destacou Russo.

Vantagens - Além da redução no uso de energia, outros benefícios do uso dos moinhos Vertimill são a menor geração de ultrafinos, menor emissão de ruído, menor quantidade de periféricos, bases civis mais simples e mais segurança em consequência da menor exposição de partes móveis.

O Minas-Rio inclui uma mina de minério de ferro e unidade de beneficiamento em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, região do Médio Espinhaço; um mineroduto com 529 km de extensão e que atravessa 33 municípios mineiros e fluminenses; e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, no qual a Anglo American é parceira da Prumo Logística com 50% de participação, em São João da Barra (RJ).

No final de 2014, a mineradora anunciou a pretensão de investir mais US\$ 800 milhões no Minas-Rio, entre 2015 e 2016, para elevar a capacidade de produção do sistema. Os investimentos estão sendo aplicados para que a produção atinja as almeçadas 26,5

milhões de toneladas de ferro por ano. Segundo projeções da companhia, o volume projetado para este ano deve atingir metade disso.

## **Neste ano, 42% das indústrias reduziram uso da mão de obra, nota CNI**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

Nos primeiros seis meses deste ano, 42% das indústrias extrativas e de transformação do país lançaram mão de algum recurso para redução do uso da mão de obra – “layoff”, férias coletivas, licença remunerada ou redução do número de turnos.

Ainda assim, 50% das empresas ouvidas na Sondagem Especial Emprego na Indústria, divulgada nesta quarta-feira pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), demitiram parte do quadro de funcionários no período.

Realizado entre 1º e 15 de abril com 2.307 companhias — antes, portanto, do anúncio do programa de proteção ao emprego (PPE), que dá subsídio às reduções parciais de jornada —, o levantamento mostra ainda que um terço das indústrias pretende adotar medidas que diminuam o uso da mão de obra nos próximos seis meses.

Entre os 42% que adotaram essas medidas em 2015, 78% também demitiram no período. Uma em cada cinco promoveu “layoff” (a chamada suspensão temporária dos contratos de trabalho).

A maioria (38%) reduziu o número de turnos; 28% não renovaram contratos por prazo determinado; 26% promoveram o uso do banco de horas; 26% deram férias coletivas não programadas; 21% fizeram manutenção não programada de máquinas e equipamentos.

A principal razão para a adoção das medidas, conforme a sondagem, foi o preço alto que as empresas pagam para demitir um funcionário, citado por 52% dos entrevistados. Na sequência, 34% disseram terem sido motivados pela preocupação em reter trabalhadores qualificados e 32% levaram em consideração a dificuldade para repor o funcionário no futuro.

A queda da produção foi o motivo levantado por 67% das companhias que realizaram demissões nos últimos seis meses para justificar os cortes de pessoal. As dificuldades financeiras vieram em seguida (32%).

Entre os setores, a indústria de alimentos e bebidas foi a única em que o percentual de empresas que demitiram e/ou adotaram medidas de redução de mão de obra não alcançou 50% (foi de 48%). No segmento automotivo o percentual chegou a 78%; em outros equipamentos de transporte, 73%; na metalurgia, 72%.

Dentre as empresas pesquisadas, 36% planejam reduzir o número de empregados nos próximos seis meses – 17% disseram que devem usar planos de demissão voluntária para isso. Das companhias que já fizeram cortes, 58% afirmaram que darão sequência ao ajuste de pessoal.

Um terço do total deverá adotar medidas de redução do uso da mão de obra. Entre as modalidades preferidas estão a redução do número de turnos e a promoção do uso de banco de horas, com 31%, a não renovação de contratos por prazo determinado e as férias coletivas não programadas, ambas citadas por 28% dos entrevistados, e o “layoff” e a redução da jornada (com ou sem redução de salário), citadas por 21%.

## **Armando monteiro descarta novo pacote de incentivos à indústria**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

O ministro do Desenvolvimento, Armando Monteiro, descartou hoje, no Congresso do Aço, em São Paulo, um novo pacote de incentivos à indústria, dada a prioridade do governo em executar o ajuste fiscal. E apontou as exportações, agora amparadas por um câmbio "mais amigável", como um caminho importante para alavancar os resultados dos setores de manufatura.

"Não temos nada de pacotes em vista. Isso está fora da agenda", disse o ministro a jornalistas. Questionado sobre estudos a respeito de medidas adicionais ao plano nacional de exportações, lançado no fim do mês passado, o ministro disse que, no momento, a preocupação do governo é garantir a "operacionalização" do novo programa, sem abordar possíveis estímulos extras.

Monteiro citou a exportação como um dos canais para estimular a atividade industrial e ressaltou que as vendas ao exterior voltaram a ganhar força no planejamento das empresas. "Isso é um indicador de que teremos uma ampliação das exportações de bens manufaturados", afirmou. "Felizmente, teremos agora uma taxa de cambio mais amigável ao setor exportador, sem que isso signifique nenhum tipo de artificialismo ou manipulação".

Monteiro também se referiu à desvalorização do real ao abordar os ganhos de competitividade da indústria brasileira no terreno doméstico, após o setor, por muito tempo, pagar um "preço caro" em virtude da apreciação cambial. "O Brasil ficou por muito tempo mais exposto à competição com produtos importados pela forte valorização de sua moeda", afirmou o ministro.

Ele falou, ainda, sobre a necessidade de reposicionar a política comercial brasileira. O ministro disse que na visita do governo aos Estados Unidos, o acordo assinado para diminuir barreiras técnicas — não tarifárias — já pode trazer ganhos de curto prazo à indústria nacional.

"Com a convergência dessas normas técnicas, teremos ganhos já para setores como os de cerâmica, máquinas e equipamentos, têxtil, entre outros", citou. "O Brasil pode, sim, se inserir muito mais no comércio internacional e a desvalorização cambial do momento nos favorece".

Dentre os exemplos de tentativas de aprofundar relações comerciais com países classificados como "estratégicos", Monteiro citou o Peru e a Colômbia — que, assim como o Chile, até 2017 terão desoneração tarifária. Além disso, lembrou, é aguardado para o quarto trimestre deste ano o início da troca de ofertas para um acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia.

## **Desenvolvimento e pesquisa estão abaixo da média mundial**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

As empresas demandam tecnologia, mas o investimento em pesquisa e desenvolvimento das companhias siderúrgicas ainda é baixo no Brasil, comparado à média global. Um levantamento feito pela Associação Brasileira de Metalurgia e Metais na segunda metade da última década apontava que esse total representava apenas 0,035% das receitas do setor, valor que pouco se alterou desde então, segundo o autor do estudo, o professor José Carlos DAbreu, do Centro Técnico-Científico da PUC do Rio de Janeiro.

Essa proporção chega a 1% da receita das siderúrgicas na Alemanha e a 1,8%, no Japão. "Esse mesmo valor, no Brasil, era de 0,2% em 1992, o que mostra que houve uma desaceleração nas últimas décadas. A maioria dos Centros Tecnológicos da cadeia siderúrgica no país foi desativada a partir dos anos 2000, se convertendo em Centros de Apoio Técnico", conta DAbreu.

O resultado é que a pesquisa e desenvolvimento siderúrgico ficaram mais concentrados nas universidades. "Desse modo, não há inovação radical, apenas inovações incrementais, ou seja, de melhorias em máquinas e processos", diz DAbreu. "Os principais avanços tecnológicos do setor chegam incorporados nos equipamentos importados pela indústria", explica.

Na indústria automobilística, que responde por aproximadamente 25% do consumo de aço hoje no Brasil, o desafio é melhorar o desempenho e a segurança dos veículos para cumprir as metas do Inovar Auto e fazer jus aos benefícios fiscais prometidos pelo programa a partir de 2017.

Para isso, é preciso aumentar para 25% a presença dos aços baixa liga de alta resistência nos carros nacionais. Na Europa e nos Estados Unidos, a média chega a 70% e em alguns modelos fica próximo de 100%. Hoje, esses materiais correspondem a apenas 10% do aço presente nos veículos fabricados no Brasil.

Os aços desse tipo são resultado de um esforço conjunto da indústria siderúrgica internacional, desenvolvido por meio do projeto ULSAB (Ultra Light Steel Body Auto). A pesquisa conjunta serviu de base para que cada empresa criasse suas próprias soluções.

O Grupo ArcelorMittal desenvolveu um conjunto de soluções em aços planos automotivos, o S-in Motion, que permite reduzir o peso de um veículo de passeio em até 20% mantendo o mesmo custo de produção.

"Com menos peso, os veículos consomem menos combustível e causam menor impacto no meio ambiente", diz André Murani, gerente de vendas para o setor automotivo da ArcelorMittal Tubarão.

A CSN, por sua vez busca se consolidar como fornecedora de aços de alta resistência no segmento automotivo. No ano passado, a empresa gerou cerca de 20% da receita a partir de novos produtos ou da adequação tecnológica de produtos existentes. Nessa área, o carro chefe da empresa são os aços galvanizados de alta resistência bifásicos CSN Dual Phase 600 e Ferrita-Baianita 450 e 590.

## **Captações atingem apenas R\$ 100 milhões**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

A piora dos indicadores econômicos, a interrupção de novos investimentos e a falta de perspectivas mercadológicas paralisaram as captações de recursos das siderúrgicas brasileiras no mercado de capitais este ano.

Após o primeiro semestre sem emissão de títulos no mercado externo, a única colocação de crédito privado do setor no país foi o da CSN, no valor de R\$ 100 milhões, orquestrada pelo Banco do Brasil, com remuneração de 113,7% do DI e vencimento em janeiro de 2022.

Uma outra explicação para a quase ausência do setor nessas operações de captação de recursos é que nos últimos quatro anos as grandes siderúrgicas lançaram mão de



emissões de debêntures no mercado doméstico superiores a R\$ 5,5 bilhões que ainda não venceram e de US\$ 8,3 bilhões de bonds no exterior.

Na época, a maior parte dessas empresas se capitalizou para turbinar suas expansões e não imaginava que a crise interna e o excesso de produção global seriam tão severos a ponto de deixar ociosa mais de 30% de sua capacidade de produção e 50% da de distribuição.

Mas mesmo diante das atuais adversidades, especialistas alertam que devido aos bons fundamentos das grandes empresas do setor, há apetite por parte dos investidores pelos títulos dessas empresas.

"São empresas bem estruturadas e quando houver perspectiva de emissão certamente haverá interesse na outra ponta", afirma Antônio Maurício Maurano, vice-presidente de negócios de atacado do Banco do Brasil, líder em emissões externas e internas para o setor por dois anos consecutivos no ranking Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), 2013 e 2014, e do Valor, em 2014.

Mas uma retomada ao mercado de capitais só seria necessária se o governo destravasse a agenda de leilões de concessões de obras de infraestrutura no segundo semestre, trazendo a necessidade de levantamento de novos recursos pelas siderúrgicas para o fornecimento de aço para realização desses projetos.

Diversas empresas do setor também têm capacidade própria de logística e energia e, dentro deste cenário, elas poderiam emitir debêntures de infraestrutura para novos projetos de ferrovias, terminais portuários e geração de energia, utilizando as regras da Lei 12.431.

"Alguns setores acionam o mercado antes das siderúrgicas, mas certamente elas buscarão o mercado de bonds ou debêntures em um segundo momento para levantar funding", afirma Carolina Lacerda, diretora de Mercado de Capitais da Anbima.

Além das emissões de dívida, estas empresas se financiam através de linhas de crédito de curto e longo prazos de exportação, como ACCs, ACE, PPE e NCE. "As principais fontes de financiamento da empresa, neste momento de crise do mercado, se baseiam em operações "trade related" e operações de crédito com os principais bancos parceiros", afirma Eduardo Moreira Pereira, diretor corporativo financeiro, da Usiminas.

"Na atual conjuntura, as siderúrgicas buscam manter a sua liquidez através da renovação de linhas de curto prazo e liability management das linhas de longo prazo", avalia Maurano. Como essas empresas são exportadoras - porém com a maior parte das receitas provenientes do mercado local -, elas utilizam um mix de financiamento em moeda local e moeda estrangeira, com o facilitador de terem hedge (proteção) natural com suas receitas de exportação.

O BB tinha ao final de junho deste ano R\$ 20 bilhões em carteira nas diversas modalidades de crédito concedida à siderurgia. Deste total, R\$ 3 bilhões são em debêntures. Ao final de 2014, este saldo era de R\$ 16,7 bilhões.

Na visão do mercado financeiro, um dos pontos de atenção quando uma empresa vai captar novos recursos é o quanto endividada ela já está e qual é o grau de alavancagem de sua dívida em relação ao Ebitda (geração de caixa).

"O endividamento das grandes siderúrgicas no momento não é tão confortável. Mas elas ainda conseguem tomar dívida", avalia Artur Losnak, analista do Banco Fator. Segundo

Losnak, para que haja uma relação saudável, a dívida de uma empresa não deveria superar 2,5 vezes o seu Ebitda.

Para se ter uma ideia, hoje, das grandes, a CSN é quem mais está exposta ao endividamento, que é 4,76 vezes superior ao seu Ebitda, enquanto a Gerdau está com 3,2 vezes e a Usiminas 2,85 vezes.

No longo prazo, porém, os analistas olham com bons olhos os ajustes que estão sendo feitos pelas três grandes siderúrgicas - Usiminas, CSN e Gerdau -, e acreditam que elas sairão desta crise mais eficientes do ponto de vista operacional, com menos custos e despesas. Tanto que o preço alvo sugerido para essas siderúrgicas é de alta no futuro.

No caso da Gerdau, cuja ação era negociada a R\$ 7 reais no dia 3 de julho, o preço alvo estimado pelo Fator é R\$ 15,60, enquanto Usiminas tem potencial para sair dos atuais R\$ 5 reais a ação para R\$ 7,80 e a CSN de R\$ 6,20 para R\$ 12,50. "A Gerdau é a siderúrgica mais geograficamente diversificada e a entrada nos Estados Unidos lhe dá condições diferenciadas de mercado", diz Losnak.

### **Inox vai do Stent ao cano do escapamento**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

O slogan que a Aperam South America, maior produtora brasileira de aço inox, escolheu para disseminar o consumo no país - "Made for life"- dá uma ideia da ampla gama de aplicações desse material. Ele de fato faz parte da vida cotidiana, mesmo que as pessoas não percebam.

O aço inox aparece no escapamento do carro, na travessa da salada, na escada rolante do metrô, no stent que libera as artérias do coração. Em períodos mais tranquilos da economia, essa diversidade contribui para manter o aumento das vendas do aço inox no Brasil - quando a demanda cai em determinado segmento, ela pode ser compensada pelo crescimento das encomendas em outro. Mas não é o que acontece em 2015.

A crise na indústria de transformação atingiu em cheio os fabricantes de aço inox, cujo hedge natural da diversificação não tem sido suficiente para garantir a expansão das vendas.

Ainda não há números fechados relativos aos últimos meses, mas os players do setor têm sentido o impacto da freada no faturamento neste ano. "O cenário de curto prazo é realmente negativo e só acreditamos em uma retomada mais significativa a partir de 2017.

O próximo ano deve ser um pouco melhor que 2015, mas ainda sem grande recuperação", afirma o presidente da Associação Brasileira do Aço Inoxidável (Abinox), Roberto Guida. "Como percebemos redução da demanda em praticamente todos os segmentos de aço inox em que atuamos, estamos apostando nas exportações, principalmente para países da América do Sul.

Atualmente exportamos o dobro do que exportávamos há um ano", comenta Frederico Ayres Lima, presidente da Aperam South America, detentora de cerca de 70% do mercado.

As dificuldades já vêm se apresentando há alguns anos. Enquanto o consumo aparente (compras de produtores locais mais importações) de aço inox cresceu, entre 2008 e 2014, a uma taxa média de 1,3% ao ano, o avanço das compras externas foi de 1,8% anuais,

de acordo com a Abinox. Na ponta da produção, a má notícia: o mercado decresceu a uma taxa de 1,1% ao ano.

Os números mostram claramente que parte crescente da demanda nacional tem sido atendida por importações. Esse quadro se desenhou com uma mudança importante no setor de aço inox global.

Desde 2007 a China, antes vigoroso comprador da produção de diversos países, passou a ser autossuficiente na produção; além disso, os chineses passaram a gerar excedentes e a vendê-los no mercado internacional.

"Essa nova posição da China alterou muita coisa no mercado de aço inox e influenciou os preços do produto", lembra Guida, destacando que vários países, o Brasil incluído, têm reclamações contra a China por dumping.

Hoje os chineses são os maiores produtores mundiais, com cerca de cinco milhões de toneladas de aço inox por ano de excesso de capacidade (no Brasil, em 2014, a produção somou 356,3 mil toneladas).

Embora o cenário mais próximo seja muito pouco otimista, as empresas brasileiras do setor acreditam no potencial de crescimento no futuro. O consumo per capita de aço inox no Brasil terminou 2014 em 1,95 quilo por habitante.

Não há uma estatística mundial que sirva de base de comparação, dada a diversidade do mercado de aço inox, mas em países como a Itália, o número gira em torno de 20 quilos por habitante/ano.

"Há muito espaço para crescimento, e em muitas áreas", observa Lima, da Aperam. É por isso que, apesar do momento de crise, a empresa decidiu manter os investimentos em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.

A Aperam fabrica aço inox principalmente partindo de minério de ferro, mas também produz com base em sucata (o aço inox é um material 100% reciclável). A produção é vendida para segmentos muito variados, alguns com grande potencial de crescimento nos próximos anos.

## **Oferta em excesso e demanda em queda**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

As ações das siderúrgicas, que em passado recente estavam entre as mais cobiçadas em Bolsa, deixaram de figurar entre as principais recomendações de compra de algumas corretoras.

Por trás dessa mudança de preferência, explicam os analistas, estão dois fatores: o excesso de oferta de aço nos mercados internacionais e a desaceleração da economia no Brasil, equação que tem afetado o desempenho de CSN, Gerdau e Usiminas.

Hoje, os papéis das três companhias custam, em média, metade do valor de um ano atrás, período em que o Ibovespa se manteve estável. Esse desempenho fraco, contudo, não é recente. Em 2009, por exemplo, o valor de mercado da CSN era de quase R\$ 41 bilhões. No início deste mês, era cotada por menos de R\$ 7 bilhões.

Nesse cenário, a China assume papel de protagonista, segundo Daniel Marques, analista-chefe da Gradual Investimentos. "É uma importadora relevante de commodities, como o aço", destaca. Assim, durante o período em que a economia chinesa crescia dois dígitos

ao ano, o setor siderúrgico foi favorecido. "Isso beneficiava e impulsionava os preços", diz. Mas isso ficou para trás. A China diminuiu seu ritmo de expansão desde 2007, afetando seu apetite pelo aço.

Essa nova realidade da China, observa Artur Losnak, analista do setor de aço e siderurgia da Fator Corretora, desencadeou a produção local de aço. O menor crescimento de sua economia, contudo, limitou o consumo doméstico, o que fez com que o país assumisse um caráter exportador.

"A China virou um player desse setor", resume. Assim, o aço chinês começou a ser destinado ao mercado internacional, causando sobreoferta, condição que, na lógica econômica, derruba os preços.

O aço atingiu seu menor preço desde 2008, segundo Marques, da Gradual. Ele cita, como exemplo, a CSN, que teve redução de 16% no preço entre o primeiro trimestre de 2015 e o último de 2014.

O preço de venda do aço brasileiro, assim como as operações das empresas locais - afetados pelo cenário internacional - estão expostos a um fator adicional, que é o desaquecimento de demanda do mercado interno, destaca Marques.

CSN e Usiminas, explica, fabricam basicamente chapas planas, material que é utilizado na fabricação de carros e de produtos de linha branca, dois segmentos que sofrem retração.

Dados da Anfavea indicam que o setor automotivo encerrou a primeira metade do ano com 1,32 milhão de veículos vendidos, o que representa queda de 20,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, pior desempenho desde 2007.

A entidade, que representa as montadoras, prevê redução de mais de 20% da demanda por veículos no país em 2015.

Em relação aos produtos de linha branca, pesquisa da GfK indica que as vendas de bens duráveis recuaram 8,4% no primeiro semestre deste ano sobre igual período de 2013.

"Para se adequar a essa realidade de demanda, as empresas brasileiras precisarão enxugar suas estruturas de produção", avalia Bruno Piagentini, analista de investimentos da Coinvalores.

Ele menciona a Usiminas, que anunciou em maio que desligaria temporariamente altos fornos das usina de Cubatão e de Ipatinga, reduzindo sua produção de ferro gusa em cerca de 120 mil toneladas ao mês.

A Gerdau não tem nenhuma exposição a carros e a eletrodomésticos, conforme explica Marques, da Gradual. Porém, está dedicada a aços longos, utilizados em infraestrutura e mercado imobiliário, setores que também estão afetados negativamente pela atual situação da economia.

Mas frente a seus pares em Bolsa, a Gerdau tem uma vantagem, segundo Marques: a particularidade de ter uma empresa nos Estados Unidos. Um terço da receita da Companhia, diz, vem daquele mercado, exposição que, de certa forma, blinda a Companhia da retração da demanda no Brasil. "Entre as três empresas, é a minha preferida", declara.

Losnak, da Fator, avalia que buscar novos mercados, caminho que a Gerdau vem trilhando, seria uma saída para as outras empresas brasileiras. Ele cita a CSN como

exemplo. Com unidade na Alemanha, a empresa também tem buscado maior exposição ao mercado americano. "Exportar é uma solução", avalia o analista.

"A CSN vem evoluindo nesse sentido, e pode ser novidade positiva nos próximos trimestres", afirma.

Marques, da Gradual, concorda com a importância que o mercado americano vem assumindo para a siderurgia. "Se Brasil, Estados Unidos e China vão bem, o setor vai bem", resume. Mas, embora a economia americana venha tomando fôlego, ele avalia que ainda há dúvidas na solidez dessa expansão.

Já no Brasil, diz, espera-se o decréscimo do PIB neste ano de pelo menos 1%. E a China, por sua vez, deixou para trás o perfil importador de commodities. O que esperar para as siderúrgicas brasileiras nesse cenário?

"São empresas boas, sólidas e com representatividade", destaca. Mas para que voltem a brilhar como no passado, diz, Brasil e Estados Unidos precisam retomar, de forma consistente, a trajetória de crescimento de suas economias. Por isso, ele não aposta na valorização das ações de siderurgia no curto prazo. "Vai continuar assim por alguns trimestres", prevê. Setor alega que só câmbio não eleva competitividade.

### **Projeto da Miba no norte de Minas segue parado no DNPM**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

A Mineração Minas Bahia (Miba), subsidiária do grupo cazaquistânês Eurasian Natural Resources Corporation (ENRC), continua com seu megaprojeto parado no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Orçado em US\$ 2,8 bilhões, ele é destinado à produção de minério de ferro entre os municípios de Grão Mogol e Rio Pardo de Minas, no Norte do Estado.

Segundo uma fonte ligada à empresa, a companhia já protocolou sete relatórios de pedidos de concessão de lavra junto ao órgão federal, mas o DNPM sequer avaliou as solicitações, o que também estaria travando o processo de licenciamento ambiental em Minas Gerais.

Além disso, embora a empresa não admita, como o minério da região é de baixo teor de ferro e demandaria mais despesas com beneficiamento, o preço atual do insumo siderúrgico, hoje em torno de US\$ 49 a tonelada, estaria desestimulando o investimento.

A reportagem procurou a Miba para comentar o assunto, mas até o fechamento desta edição ela não havia retornado as ligações.

Conforme já informado, a capacidade de produção prevista para o complexo no Norte do Estado pode alcançar 20 milhões de toneladas anuais da commodity. A mineradora chegou a iniciar a produção em 2013, em níveis primários, uma vez que já tinha as portarias de lavra, segundo informações prestadas pela Miba na época.

Os investimentos da mineradora no complexo e no material rodante que fará o transporte do minério extraído giram em torno de US\$ 2,8 bilhões. As reservas estão localizadas dentro da área de influência da nova fronteira minerária do Norte de Minas, com reservas estimadas em 20 bilhões de toneladas de minério, majoritariamente de baixo teor de ferro, distribuídas em 20 municípios da região.

De acordo com informações contidas em relatório divulgado ao mercado pela ENRC, controladora da Miba, até o fim de 2013 já haviam sido investidos US\$ 235 milhões. O

montante inclui o valor recuperável do ágio (US\$ 57 milhões), os direitos minerários (US\$ 175 milhões) e imóveis, além das instalações e equipamentos, que consumiram US\$ 3 milhões. Depois disso, a empresa não deu mais informações sobre o projeto no Norte do Estado.

Bahia - A ENRC tem ainda uma mina de ferro em Caetité (BA) e em breve passará a operar trens na Ferrovia Integração Oeste-Leste, que foi viabilizada pelo governo da Bahia e está sendo implantada pela Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S/A. Pelo modal, será escoada a produção da jazida baiana para o Porto Sul, terminal privativo que a mineradora está construindo em Ilhéus.

Apenas o Porto Sul está orçado em cerca de R\$ 3,5 bilhões e será a principal porta de saída para o mercado internacional do minério de ferro extraído no Norte de Minas. De acordo com o governo baiano, o empreendimento contará com um terminal público e outro privado, que será implantado pela Bahia Mineração (Bamin), também controlada pela ENRC.

O Porto Sul é parte de um complexo intermodal que incluirá a ferrovia e ainda um aeroporto de porte internacional. Com o empreendimento, a previsão era que os principais projetos de exploração de minério de ferro na região Norte de Minas teriam a exportação facilitada.

### **Brasil analisa demanda de minério de ferro da China diante de previsão para exportações**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

O governo do Brasil está avaliando a demanda chinesa por minério de ferro, já que o país sul-americano está se preparando para aumentar as exportações do metal no segundo semestre deste ano, disse o Secretário de Comércio Exterior, Daniel Godinho.

Os preços do minério de ferro caíram neste mês porque uma depressão nos mercados acionários da China está levando os investidores a rejeitarem as commodities, o que aumenta a preocupação de que companhias mineradoras, dentre elas a Vale SA do Brasil, terão uma demanda oscilante.

Na quinta-feira, o minério de ferro interrompeu uma semana de recessão que culminou na maior queda registrada em um único dia em pelo menos seis anos.

"Estamos alerta a esse movimento do mercado na China e esperamos mais informações para vermos se isso poderia afetar o comércio", disse Godinho em Brasília. "Agora, a informação de ouro é como a demanda chinesa reagirá no segundo semestre".

O governo do Brasil prevê que a volatilidade dos preços do minério de ferro cederá, disse Godinho. Enquanto isso, a depreciação do real neste ano está impulsionando a balança comercial do Brasil, que terminará o 2015 com um superávit de US\$ 5 bilhões a US\$ 8 bilhões, disse ele.

### **Volatilidade do minério de ferro aumenta para recorde com ações chinesas em rotação**

15/07/2015 - Fonte: InfoMoney

A montanha-russa que foi essa semana para o minério de ferro levou a commodity a uma volatilidade recorde de todos os tempos, com preços movimentados abruptamente com os giros do mercado chinês de ações.

O minério com teor de 62% de ferro entregue a Qingdao subiu 9,9% para US48,99 por tonelada na quinta-feira depois de cair 10% para US\$44,59 um dia antes, preço mais baixo em ao menos seis anos, de acordo com o Metal Bulletin. Os preços essa semana estão 11,4% mais baixos depois de cair 10,9% na semana anterior.

"Eu acho que isso obviamente grudará na mente das pessoas", disse Laura Brooks, uma consultora sênior no CRU Group, em referência às negociações dessa semana. "A questão é que estamos vendo o preço ir em direção a US\$40 por tonelada. Isso gera nervosismo nessa parte do mercado".

Minério de ferro: jornada está imprevisível (Bloomberg)

A jornada do minério de ferro ocorre quando oscilações diárias em ações chinesas fizeram com que investidores se afastassem, e depois fossem atrás, de ativos de risco.

As variações de humor se somaram à preocupação de que os estoques de baixo custo da Rio Tinto e da Vale estão subindo mesmo com a diminuição da demanda, levando a um excesso.

"A volatilidade voltou ao mercado", disse Brooks, que acredita que os preços em US\$40 serão lugar-comum no segundo semestre.

"Com tamanha queda nos preços em uma única semana, eu não acredito que as bases consigam se mover rápido o suficiente para alavancar isso. É muito mais orientado pelo sentimento".

### **Recuperação das ações**

A volatilidade de 10 dias do minério de ferro saltou para 95,8 nessa semana, mais alta de todos os tempos, ante 41,2 no dia 3 de julho, de acordo com dados compilados pela Bloomberg. Os números de volatilidade rastreados em 30, 50 e 100 dias também foram recordes.

As ações na China estenderam ganhos na sexta-feira com medidas do governo começaram a surtir efeitos. Com o maior avanço de dois dias desde 2008 no Shanghai Composite, os futuros do minério de ferro subiram 1,1% no Dalian Commodity Exchange.

## **Mineradora que cortar custo vai sobreviver, indica PWC**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

Disciplina de capital e busca pela maior eficiência possível são os fatores que vão determinar os sobreviventes do setor de mineração nesse momento de declínio das commodities.

Ronaldo Valiño, líder de mineração, siderurgia e metalurgia para a consultoria PricewaterhouseCoopers (PwC), disse em entrevista ao Valor que é impossível conseguir enxugar gastos na mesma velocidade em que os preços caem.

Mas lembra que a principal meta na cabeça dos executivos do setor hoje é ser mais eficiente.

Para alcançar mais sinergias entre as atividades, reduzir riscos e também conseguir maior rentabilidade, o especialista aposta que fusões e aquisições pontuais podem ocorrer.

"Acho que o mercado avalia uma série de mudanças, mas vão ocorrer de forma bem mais criteriosa, ao contrário do que se observou nos tempos de aquecimento, quando operações aconteciam quase mensalmente", opinou.

## **Queda de preços do minério de ferro desanima produção**

15/07/2015 - Fonte: Valor Econômico

A crescente queda nos preços do minério de ferro nos últimos meses provocou desânimo geral entre as companhias siderúrgicas que contam com minas próprias no Brasil.

Na década passada, o setor siderúrgico apostou pesado na produção própria como uma alternativa para evitar a dependência dos altos preços da commodity, que por um bom período se mantiveram acima de US\$ 100/tonelada, como também para exportar o excedente para mercados que até então demandavam grandes volumes do minério, caso da China.

Mas a partir de maio do ano passado, a demanda chinesa se retraiu e hoje os preços encontram-se em seu menor nível histórico, com perspectivas nada animadoras para o segundo semestre.

Na terça-feira passada, o minério cotado no porto de Tiajin (China) estava a US\$ 49,70 com tendência de queda. Situação bem diversa dos preços no início da década, que tiveram o seu recorde em fevereiro de 2011, quando alcançou a marca de US\$ 187,18/tonelada.

No segundo semestre do ano passado, a Gerdau reduziu de R\$ 2,4 bilhões pra R\$ 2,1 bilhões o seu programa de investimentos em função da revisão de sua meta de produção nas minas de Itabirito (Várzea do Lopes), Miguel Burnier e Barão de Cocais, todas em Minas Gerais, com capacidade atual de produção de 11,5 milhões de toneladas anuais.

A Gerdau ingressou na exploração do minério em 2009 e em 2013 havia anunciado investimentos da ordem de R\$ 5,8 bilhões com o ambicioso objetivo de atingir 24 milhões de toneladas anuais em 2020, o que colocaria a companhia na quarta posição no ranking nacional de produtores de ferro, atrás apenas da Vale, Samarco e CSN.

Com uma produção anual de 2,63 mil toneladas de minério em 2014, o conglomerado ArcelorMittal conta com um diferencial em relação aos seus concorrentes nacionais. "Além de abastecer nossas unidades, enviamos o minério para algumas filiais em outros países", afirma Sebastião Costa Filho, CEO da ArcelorMittal Mineração.

Em 2014, as duas minas (Andrade e Serra Azul, em MG) produziram 2.63 mil toneladas, volume 4,3% superior ao registrado em 2013, sendo que 670 mil toneladas foram direcionadas para o exterior.

Segundo Costa Filho, as minas têm capacidade para produzir 7,1 mil toneladas anuais, quantidade suficiente para atender não apenas a demanda interna da companhia, como também outras siderúrgicas nacionais.

Com quatro minas na região de Serra Azul (MG), todas em parceria com grupo japonês Sumitomo Corporation, a Mineração Usiminas tem investido em projetos que aprimoram a qualidade do minério em teor de ferro e baixo nível de impurezas.

O objetivo é atender tanto o mercado externo como as três unidades siderúrgicas. Porém, nos últimos meses, devido aos baixos preços, o mercado externo foi abandonado. No primeiro trimestre, a empresa vendeu 1.139 toneladas de minério, sendo 1.048 para



consumo interno e 91 para terceiros. No mesmo período de 2014, as vendas atingiram 1.767 toneladas (509 toneladas para exportações).

## **CNI prevê PIB de 2015 com queda de -1,6%**

15/07/2015 - Fonte: Aço Brasil

Em seu relatório trimestral de conjuntura, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) prevê para 2015 um ano perdido para o setor produtivo. Diante da fraqueza da economia e da falta de perspectivas de melhora ou retomada do crescimento a partir do segundo semestre, a entidade projeta revisou de 1,2% para 1,6% da queda do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano.

A previsão da CNI é ainda mais pessimista que o consenso do mercado financeiro e do Fundo Monetário Internacional (FMI), que apostam em retração do PIB brasileiro de 1,5% em 2015.

Mas não é só o crescimento economia que preocupa a indústria. Diante da concentração de reajustes de preços administrados este início de ano e da disparada do dólar frente ao real, a tendência é que a inflação — que já vem batendo recordes de alta — feche o ano acima de 9,1%.

Para completar, diante da total falta de confiança dos empresários e do encolhimento da renda das famílias, a tendência é que os investimentos produtivos tombem 7,7% este ano.

Para a CNI, o Brasil se depara atualmente com uma "conjugação perversa de causas conjunturais e estruturais que limitam nosso desempenho". Não por outro motivo, a entidade espera que a retomada do crescimento ocorra apenas a partir de 2016, em função da "forte deterioração" da atividade no primeiro semestre, que ocorre em meio à alta da inflação e do aprofundamento da recessão — "que já alcança outros setores da economia e não apenas a indústria".

Os empresários acreditam, porém, que a saída da crise já está sendo construída, via maior rigor com os preços e uma política fiscal mais robusta do que a dos últimos anos.

"A pedra angular (da retomada do crescimento) é o reequilíbrio das contas públicas", sentenciou a CNI, acrescentando que será "indispensável" assegurar aos agentes produtivos e consumidores que o crescimento dos gastos está sendo contido pelo governo.

"Apenas assim, as incertezas quanto à extensão do ciclo de ajuste fiscal e monetário serão eliminadas", pontuou a entidade, que não parece ter confiança que o governo conseguirá cumprir a meta de superávit primário de 1,1% do PIB. "Nossa estimativa é de um primário de apenas 0,4% do PIB", avisou o gerente-executivo de Políticas Econômicas da CNI, Flávio Castelo Branco.

A falta de esperanças de uma retomada do crescimento no segundo semestre e a cobrança por uma política fiscal mais prudente no futuro deixa claro que, para a indústria, será impossível reverter os maus resultados colhidos em 2015.

Ainda que, em maio (último dado disponível), a produção industrial tenha operado no azul, interrompendo uma sequência de três meses de perdas, os números do setor não permitem avaliação otimista. Na comparação com maio de 2014, a indústria caiu 8,8%; no acumulado do ano, a queda é de 6,9%.

Em junho, o Índice de Confiança do Empresário Industrial da CNI cravou 38,9 pontos, numa escala de zero a 100. Para se ter uma ideia da fraqueza do número, o índice ainda está 17,2 pontos abaixo da média histórica, de 56,1 pontos. Sem confiança no futuro, o empresário tem pouca propensão a investir. Prova disso é que o Índice de Intenção de Investimento, também da CNI, acumula queda de 11,2 pontos entre junho de 2014 e o mesmo mês de 2015.

Para o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito, é pouco provável que esse índice apresente melhora no segundo semestre.

“A principal variável do ajuste que está sendo posto em prática pelo governo não é fiscal, nem monetário, é na renda e no consumo das famílias.

Então, faz sentido o pessimismo da indústria, porque, no fundo, o empresário não investe porque o juro está baixo, mas porque tem demanda para seus produtos”, frisou o economista, que vê pouca chance de melhora no curto prazo.

‘Não acredito que o governo cumpra a meta’, diz o gerente-executivo de Políticas Econômicas da CNI, Flávio Castelo Branco

O cenário traçado pela CNI não é confortável...

Por enquanto, a perspectiva para o segundo semestre é de continuidade desse clima negativo. Você continua com o ajuste monetário e fiscal, as taxas de juros e de impostos vão continuar subindo. A inflação tem corroído a renda das famílias e a confiança dos investidores desabou.

O ajuste não deveria trazer mais confiança?

O ajuste fiscal é parcial, tendo em vista a expectativa que o governo tinha em dezembro. As receitas estão menores e a recessão está mais forte do que se antecipava no fim de 2014.

O tamanho dos desajustes fiscais do ano passado acabou prejudicando o esforço deste ano. Não acreditamos que o governo conseguirá cumprir a meta de 1,1% do PIB este ano.

Como explicar o pessimismo das empresas?

É uma conjunção de fatores. O empresário, vendo a situação tão ruim, extrapola esse cenário para o futuro, e não vê melhora no curto prazo.

A deterioração das contas públicas levou a uma expectativa de ajuste que deixa claro que a economia vai demorar bastante para retomar a normalidade. E tem o ambiente político, de grande instabilidade.

O ambiente político atrapalha a retomada?

Menos a discussão de impeachment em si, e mais a dificuldade da presidenta Dilma em conduzir sua base de apoio.

Veja as medidas do ajuste fiscal, eram para ser aprovadas com facilidade. Mas a presidenta não tem conseguido converter as cadeiras de sua base em apoio estrito aos projetos do governo.

O que esperar para 2016?

A confiança depende tanto do ajuste fiscal quanto da capacidade do governo em colocar em prática uma agenda de reformas: desburocratização, a melhoria dos sistemas de regulação e o custo do investimento.

## **Gerdau anuncia reestruturação de negócios nas Américas**

15/07/2015 - Fonte: CIMM

A Gerdau anunciou nesta terça-feira (14) a simplificação de processos e da estrutura societária, como parte, segundo fato relevante da companhia, "das ações necessárias para adequação ao cenário atual de grande competitividade".

Entre as iniciativas, a Gerdau redefiniu as operações de negócios, com o objetivo, segundo a empresa, de obter maiores sinergias estratégicas e operacionais no atendimento aos mercados da América do Sul, da América do Norte e do Brasil. A Operação de Negócio América do Norte será composta também pelas operações no México e as joint ventures na República Dominicana, Guatemala e México, além da unidade de aços longos no Canadá e Estados Unidos.

Foi criada também a Operação de Negócios América do Sul, integrada pelas operações de aços longos da Argentina, Chile, Colômbia, Peru, Venezuela e Uruguai.

Outra mudança ocorre na Operação de Negócio Brasil, que passará a integrar as operações de minério de ferro, além das atuais unidades de aços longos e planos no Brasil e de carvão e coque metalúrgico na Colômbia. Já a Operação de Negócio Aços Especiais fica inalterada, com aços especiais do Brasil, Espanha, Estados Unidos e Índia. As mudanças serão apresentadas a partir da divulgação dos resultados do terceiro trimestre de 2015.

No que se refere às participações societárias em controladas, a Gerdau comunica a compra de participações minoritárias, no valor total de R\$ 1,986 bilhão, que permitirão a companhia a deter mais de 99% do capital social.

Na Gerdau Aços Longos, a companhia adquiriu 4,77% (9.569.182 ações); na Gerdau Açominas a compra foi de 3,50% (8.805.460 ações); na Gerdau Aços Especiais adquiriu 2,39% (8.805.460 ações); e na Gerdau América Latina Participações a compra atingiu 4,90% (8.805.460 ações).

As aquisições, segundo o documento enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) visa à possível transformação dessas companhias, no futuro, em subsidiárias integrais e/ou sua incorporação; a consolidar o recebimento de dividendos; e a proporcionar a maior facilidade de acesso ao mercado de capitais.

O valor, segundo o fato relevante, será pago com parcela à vista de R\$ 339 milhões, com recursos imediatamente disponíveis, mais cessão e transferência de 30 milhões de ações preferenciais, mantidas em tesouraria, no valor de R\$ 206 milhões.

O pagamento inclui ainda uma permuta de cota de um Fundo de Investimento em Direitos Creditórios Não Padronizados (FIDC NP Barzel), cuja carteira detém direitos creditórios decorrentes de ações judiciais devidas pela Eletrobras, em razão do empréstimo compulsório recolhido entre os anos de 1977 a 1993 dos consumidores industriais de energia elétrica, subscrita pela companhia e integralizada, livre e desembaraçada de qualquer ônus ou gravame, pelo valor de R\$ 802 milhões.

A cessão desses direitos creditórios do FIDC, assim como a permuta da parcela, já foi aprovada pelo conselho de administração.

Por último, haverá pagamentos parcelados com vencimentos em 2016, 2017, 2019, 2021 e 2022, no valor total de R\$ 639 milhões.

## **Incorporação**

Também como etapa do processo de mudança da estrutura societária, o conselho de administração da Gerdau e da Seiva autorizaram suas diretorias a avaliarem alternativas para a incorporação da Seiva Florestas e Indústria, Gerdau América Latina Participações e Itaguaí durante o segundo semestre de 2015.

### **Rossetto nega desinteresse de montadoras em aderir ao PPE**

15/07/2015 - Fonte: CIMM

O ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Miguel Rossetto, negou nesta segunda-feira (13) que as montadoras de automóveis, que são um dos focos do Programa de Proteção ao Emprego (PPE), não estejam aderindo ao programa. Rossetto lembrou que o PPE ainda está sendo iniciado e é de livre adesão, ou seja, as empresas não são obrigadas a participar dele.

O programa foi assinado pela presidenta da República, Dilma Rousseff, no dia 6 de julho, com o objetivo de preservar os empregos em períodos de crise. Segundo o ministro, várias empresas dos setores químico, metalmeccânica, automobilístico e moveleiro manifestaram interesse em aderir ao programa, que está em fase de definição dos critérios de adesão. "No dia 22 [de julho], ou talvez até antes, vamos divulgar todos esses indicadores."

Rossetto disse que a Volkswagen, a Mercedes-Benz e a Scania já procuraram o governo para manifestar interesse e pedir informações sobre o programa. "É um programa de livre adesão. O que o governo quer, com isso, é oferecer uma condição forte para reduzir demissões e manter o emprego", explicou.

O ministro negou que haja resistência de trabalhadores ao PPE. "É um programa de livre adesão. Os sindicatos discutem abertamente, os trabalhadores discutem abertamente. Quem delibera sobre a adesão são os trabalhadores em assembleia em acordo coletivo específico."

Na tarde de ontem (13), Rossetto esteve no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, São Paulo, para conversar com os sindicalistas sobre o programa e esclarecer dúvidas sobre ele.

Em sua saudação inicial, o ministro aproveitou para criticar os que pedem o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, conclamando os sindicalistas a lutar pela democracia.

"Vocês, que lideraram o Brasil na construção deste novo país: não tenho nenhuma dúvida de que irão afirmar muito claro que, se algum estranho não quer democracia, nós queremos ainda mais democracia", afirmou o ministro.

O Programa de Proteção ao Emprego permite a redução em até 30% da jornada de trabalho nas empresas que aderirem a ele, sendo que metade das horas não trabalhadas será custeada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

O programa terá duração de seis meses, que poderão ser prorrogados por mais seis. Durante a vigência do programa, e até dois meses após esse período, as empresas que aderirem não poderão demitir os trabalhadores que tiverem a jornada de trabalho reduzida.

“É um programa simples, claro e datado porque estamos trabalhando para que, em 2016, a retomada do crescimento da economia faça com que as empresas não precisem desse programa. Para as empresas, preserva a mão de obra qualificada e não desorganiza a capacidade de produção”, acrescentou Rossetto, em conversa com jornalistas.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Rafael Marques, elogiou o programa, mas prevê dificuldades para a implantação. Ele disse acreditar que as montadoras vão aderir ao PPE.

A previsão de Marques é que até 3 mil empregos sejam mantidos com o programa na base do sindicato, que representa cerca de 90 mil trabalhadores dos setores de autopeças, máquinas e montadoras.

“Seguramente [as montadoras] vão aderir, especialmente as empresas que têm mais a ver com este momento de queda nas vendas que, no nosso caso, são a Mercedes-Benz e a Volks. A Volks vai levar um tempo, porque ela iniciou um lay off [suspensão temporária do contrato de trabalho] na segunda-feira passada, e assim ela tem o prazo mínimo de dois meses para manter seus empregados em regime de lay off”, disse Marques.

A Mercedes-Benz fez uma proposta de redução de salário, que foi rejeitada. Os trabalhadores entraram em folga coletiva e voltarão amanhã para a fábrica. A partir de amanhã, faremos um debate com os trabalhadores. A Mercedes já manifestou desejo de introduzir o programa na planta de São Bernardo”, explicou o sindicalista.

Para Marques, mesmo com a General Motors (GM) tendo declarado que não vai aderir ao programa e demitindo 419 empregados, na semana passada, em São Caetano do Sul, a expectativa para as demais montadoras é positiva.

“O plano está bastante satisfatório e cabe bem em uma conjuntura como esta que estamos vivendo. Como ele é piloto, poderá ser melhorado. É um programa que poderá ser utilizado não somente em momentos de crise e se tornar um programa que dá maior valorização ao emprego no Brasil, porque hoje temos o seguro-desemprego, que defende o desempregado, e a oneração das demissões por meio do FGTS [Fundo de Garantia do Tempo de Serviço] e da multa, mas nenhum deles defende o trabalhador empregado”, acrescentou Marques.

“A GM foi um pouco precipitada, e o sindicato [que representa os trabalhadores da GM de São Caetano do Sul] deveria exigir mais da GM as contrapartidas de preservar o emprego”, criticou o sindicalista.

Procuradas pela Agência Brasil, a Mercedes-Benz e a Volkswagen informaram que estão avaliando se vão participar do programa. Já a General Motors, até o momento de publicação desta matéria, não respondeu se vai participar.

## **KSB Brasil inicia produção da bomba LSA no País**

15/07/2015 - Fonte: CIMM

A KSB Brasil anuncia a nacionalização da bomba para serviços pesados, modelo LSA, desde o início do mês. A novidade, produzida na fábrica em Várzea Paulista (SP), vai permitir maior competitividade no atendimento ao mercado brasileiro, principalmente do setor de mineração.

De acordo com Esther Honda, gerente de produto de bombas engenheiradas, "com a fabricação local, conseguiremos atender com nossos produtos nacionais uma gama maior de aplicações de bombas de polpa para mineração, principalmente nas Classes de Serviço 3 e 4".

Vale acrescentar que a KSB já fabrica no Brasil, também em Várzea Paulista (SP), a linha de bombas de Polpa LCC, capacitada para as Classes de Serviço 01, 02 e 03. "A LSA, por sua vez, é mais robusta e atende polpas com sólidos grandes e em altas concentrações, permitindo assim ampla cobertura de aplicações no mercado de mineração", explica Honda.

Além desse segmento, segundo Jardel Ribeiro, supervisor de vendas da KSB Brasil, a LSA também pode ser utilizada em outras aplicações como em Água & Esgoto, Açúcar & Álcool, Lavagem de Gases, Dragagem, Siderurgia e até em Indústrias Químicas e Alimentícias quando há presença de sólidos.

Para a nacionalização desse modelo foi adquirido know how da GIW Minerals®, empresa americana subsidiária da KSB e líder de mercado em bombas para mineração sediada em Grovetown, GA.

A bomba LSA possui o padrão básico de bombas de polpa horizontais, porém seu corpo de carcaça única, mais robusto, revestimento do bocal de sucção substituível com elevada espessura e rotor de quatro aletas de alta eficiência, proporciona vida útil prolongada em relação ao desgaste.

Sua parte mecânica, apta a operar nas mais pesadas condições, traz eixo reforçado para prolongar a vida útil, caixa de selagem com placa de desgaste substituível, redução na vazão de água e anel de alívio de rotor para remoção segura e fácil.

O conjunto de rolamento de cartucho bipartido oferece facilidade de inspeção e manutenção. E para otimizar vida útil e eficiência, diversas opções de material e projeto hidráulico podem ser usadas na mesma parte mecânica da nova bomba nacional.

A bomba LSA traz carcaça, rotor e revestimento do bocal de sucção projetados em ferro fundido branco (Gasite® WD28G e Gasite® WD18G). O pedestal é feito em aço carbono e o suporte de mancal em ferro fundido.

O diâmetro de descarga varia entre 50 e 660 mm. Já a vazão vai de 20 a 13.600 m<sup>3</sup>/h com altura manométrica máxima de 90 m (dependendo da classe de serviço). A pressão de operação pode chegar a 16 bar nos modelos standards.

A LSA também oferece pressões limites de até 49 bar, destinadas a linhas de rejeito e outras aplicações que combinam diversas bombas em série.

“A linha LSA já pode ser vista em diversas mineradoras como Vale, MRN, Kinross e entre outras. Com sua nacionalização, teremos mais flexibilidade e competitividade para comercializar este modelo em muitos outros clientes, com tecnologia e confiabilidade operacional”, diz Jardel Ribeiro.

## **Empresas poderão aderir ao Programa de Proteção ao Emprego a partir do dia 22**

15/07/2015 - Fonte: Agência Brasil

As empresas interessadas em aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) poderão fazê-lo a partir do dia 22 deste mês, informou o ministro do Trabalho, Manoel Dias.

Dias e representantes de outros ministérios participaram hoje (14) da instalação do comitê interministerial que vai avaliar e estabelecer regras para o programa. Criado por medida provisória no último dia 6, o PPE permite a redução temporária da jornada de trabalho, com diminuição em até 30% do salário.

“Nós temos um grupo de trabalho que está diariamente se reunindo, os técnicos estão elaborando regras e as normas [para o programa]. Eles expuseram [hoje] aos ministros em que ponto está esse trabalho”, disse Manoel Dias.

Os ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, e da Secretaria-Geral da Presidência da República, Miguel Rossetto, reuniram-se com Dias e com técnicos por cerca de uma hora. Joaquim Levy e Nelson Barbosa, respectivamente ministros da Fazenda e do Planejamento, Orçamento e Gestão, não compareceram, mas enviaram representantes.

De acordo com Dias, na sexta-feira (17) o comitê interministerial, coordenado pela pasta do Trabalho, volta a se reunir para receber informações da área técnica e discutir detalhes. Na terça (21), os membros do comitê assinam o que for acordado, permitindo a abertura para adesão no dia seguinte.

O ministro do Trabalho não quis adiantar regras, nem nomear setores interessados no PPE. “Em torno de 10 setores já procuraram informações. Nós não podemos declarar porque não está formalizado. Não podemos colocar publicamente ainda”, afirmou.

Manoel Dias voltou a dizer que o programa vai gerar economia para os cofres públicos “Nós fizemos uma projeção para 50 mil trabalhadores. Isso implicaria em um custo de R\$ 100 milhões.

Esses mesmos trabalhadores, se tivessem sido demitidos, o custo seria R\$ 168 milhões. É uma medida que reduz despesa, além de manter emprego, nosso principal objetivo”. O governo arcará com 15% da redução salarial de até 30%, usando recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

## Indústria já paga menos pela energia

15/07/2015 - Fonte: Agência Brasil



O preço da energia no Brasil está em queda, pelo menos para as indústrias e grandes consumidores que negociam novos contratos de fornecimento de energia no longo prazo.

Em menos de seis meses o valor médio da energia negociada em contratos plurianuais encolheu quase 25%, consequência da retração da economia brasileira, da queda do consumo e de melhor perspectiva em relação às chuvas.

Levantamento realizado pela empresa de informação e análise de risco Dcide, especializada no setor elétrico, aponta que o preço médio da energia para 2016 caiu de R\$ 310/MWh em fevereiro para aproximadamente R\$ 240/MWh.

No caso de contratos de longo prazo, com fornecimento entre 2016 e 2019, a queda é menor, na casa de 10%, mas com tendência de aceleração, já que apenas na última semana houve retração de 3,7%.

"Vimos que, nas últimas 16 semanas, o preço para 2016 só não caiu em duas delas. Agora tivemos uma queda mais forte na última semana e é possível que o preço comece a mudar de patamar", afirma o diretor da Dcide, Henrique Leme Felizatti.

Segundo ele, foi grande o desvio padrão dos dados da última pesquisa, por isso as próximas duas ou três semanas devem ser determinantes para que se identifique a existência ou não de um novo patamar de preços.

Por hora, as perspectivas sugerem um preço da energia mais baixo, reflexo da queda da demanda dos grandes consumidores, categoria de empresas que negocia diretamente no mercado livre. Além disso, o preço de liquidação das diferenças (PLD), balizador do custo de energia no mercado spot, também está em trajetória descendente.

"Nossas previsões para o PLD indicam redução nas próximas semanas e meses. E, para o ano que vem, há grande possibilidade de ficar mais baixo do que este ano. Ele pode chegar abaixo de R\$ 150/MWh ou até próximo a R\$ 100/MWh", afirma o gerente da área de Regulamentação, Capacitação e Preços da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), Rodrigo Sacchi.

O cenário fica mais favorável à medida que o consumo encolhe e as chuvas no inverno apresentam taxas mais elevadas do que aquelas previstas inicialmente. Na última sexta-feira, o Operador Nacional do Sistema (ONS) elétrico projetou que a afluência de julho na



região Sudeste/Centro-Oeste, a mais importante do País em termos de capacidade de armazenamento, será equivalente a 117% da média histórica para o mês.

**Contraste.** Os números contrastam com o cenário de um ano atrás, quando consumidores com contratos de fornecimento prestes a vencer não encontravam oferta de energia no mercado. Diante da escassez, contratos com fornecimento para 2015 chegaram a ser negociados por mais de R\$ 400/MWh.

Essa situação começou a ser revertida no fim de 2014, quando o governo federal decidiu reduzir o valor teto do PLD de R\$ 822,83/MWh para R\$ 388,48/MWh.

O preço da energia para 2015, então, passou a ser balizado por esse valor, e o custo da energia para contratos de curto prazo permaneceu próximo do limite estabelecido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

### Manoel Dias instala Comitê do Programa Proteção ao Emprego

15/07/2015 - Fonte: Portal MTE



“O PPE é uma iniciativa do Governo Federal que estimula a manutenção do emprego formal e permite a recuperação de empresas em dificuldade”, destacou o ministro do Trabalho e Emprego, Manoel Dias, ao instalar, nesta terça-feira (14), o Comitê do Programa de Proteção ao Emprego - PPE, em reunião que contou com a presença dos ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Secretaria Geral da Presidência da República, Armando Monteiro e Miguel Rossetto, respectivamente; do secretário-executivo adjunto do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Nelson Henrique Barbosa Filho.

O Comitê trabalhará para definir os critérios para o ingresso das empresas, os processos de análise das solicitações e como será o pagamento do benefício temporário.

Não haverá recorte setorial para o ingresso no PPE e empresas de diversos portes poderão aderir, obedecendo critérios que serão definidos pelo Comitê. Um grupo de trabalho com técnicos dos ministérios do Trabalho, Planejamento, Orçamento e Gestão, Fazenda e Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior está elaborando, em reuniões diárias, proposta para ingresso no PPE, que será debatida na próxima reunião do grupo,

marcada para o dia 21 de julho. Segundo Miguel Rosseto, existe o compromisso com a Presidência de República de iniciar a operação do Programa já a partir do dia 22 de julho.

"O PPE chega em boa hora, pela retração nas atividades econômicas que precisam de uma retomada. O Programa tem como objetivo preservar o emprego e sustentar a demanda agregada durante momentos de adversidade, facilitando a recuperação da economia, o incentivo às negociações coletivas e o aperfeiçoamento das relações trabalhistas", destacou Armando Monteiro.

"O PPE é uma medida que mantém o emprego e o contrato de trabalho. Com ele, haverá a continuação nas contribuições previdenciárias, trabalhistas e para o imposto de renda", lembrou o ministro do Trabalho e Emprego.

Dias apresentou aos ministros uma minuta de regimento interno que servirá de direcionamento para os trabalhos do Comitê. Serão criados subcomitês setoriais para o acompanhamento de cada segmento da economia.

Manoel Dias e Miguel Rosseto informaram que já foram procurados por setores interessados no Programa. "Recebi diversos setores da nossa economia, que me procuraram no ministério, querendo informações sobre como será a implantação do PPE", informou Rosseto.

A secretaria-geral do Comitê ficou sob a responsabilidade do MTE, com a coordenação do secretário de Políticas Públicas de Emprego, Giovanni Queiroz. O secretário informou que o agente pagador será a Caixa Econômica Federal.

O PPE foi lançado por meio da Medida Provisória 680/2015, de 6 de julho, pela presidenta Dilma Rousseff. O Programa permite a redução da jornada de trabalho em até 30%, com diminuição proporcional nos rendimentos e complementação de 50% da perda salarial pelo FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), limitada a 65% do maior benefício do seguro-desemprego. O prazo máximo para a empresa permanecer no PPE é de 12 meses.

## **Plano para emprego vale para todos os setores, diz ministro do trabalho**

15/07/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O ministro Manoel Dias (Trabalho) disse nesta terça-feira (20) que todos os setores prejudicados pelo desaquecimento da economia poderão se beneficiar do PPE ([Programa de Proteção ao Emprego](#)), anunciado no início do mês pela presidente Dilma Rousseff.

Até o próximo dia 21, terça-feira da semana que vem, um comitê de técnicos do governo irá estabelecer as regras para adesão ao programa. O grupo é formado por representantes dos ministérios do Trabalho, Planejamento, Fazenda, Desenvolvimento e Secretaria-Geral da Presidência.

"Não há limitação. Qualquer setor pode participar desde que preencha os requisitos", disse Manoel Dias.

"Ainda não temos nenhuma nada definido porque o grupo ainda está se formando", acrescentou.

Inicialmente, imaginava-se que o governo iria destacar apenas alguns setores para participar do programa.

A expectativa é de que fosse dada maior atenção para os setores sucroalcooleiro, metalúrgico, automotivo, de componentes eletrônicos e de produção de carne.

Esses segmentos são os que mais têm recorrido ao lay-off, em que contratos de trabalho são suspensos temporariamente, poupando a empresa do pagamento de salários e encargos.

### **PROPOSTA**

O PPE prevê a redução em até 30% da jornada de trabalho, com redução proporcional de salários dos trabalhadores em períodos de crise, por no máximo um ano.

Em acordo com as centrais sindicais, o governo se comprometeu a complementar metade da redução da renda do trabalhador com recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), totalizando ao empregado uma perda de 15% do seu salário.

"Em torno de dez setores já vieram procurar informações, mas nada oficial. Não podemos declarar [quais são] uma vez que não está nada oficializado", complementou o ministro. A estimativa é de que 50 mil trabalhadores entrem no programa, o que implica em um custo de R\$ 112,5 milhões por ano para o FAT. Caso fossem demitidos, o custo seria de R\$ 68,8 milhões a mais no mesmo período.

"É uma medida que reduz despesas, além de manter os empregos, o que é fundamental", comentou Dias.

Depois do anúncio oficial das regras para participação no programa, previsto para o próximo dia 21, as empresas já poderão encaminhar seus pedidos para a pasta.

A redução só será aceita se houver acordo entre sindicato e empresa, por meio de assembleia. Os acordos serão feitos empresa por empresa. Não haverá adesão ou recusa individual de trabalhador ao programa.